A LYRICA

DE

ANACREONTE

VERTIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

LIVRARIA
28, Calçada do Combro, 30
LISBOA

A LYRICA

DE

ANACREONTE.

Á LYRICA

DE

ANACREONTE

VERTIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

PARIS
TYPOGRAPHIA DE AD. LAINÉ ET J. HAVARD
RUE DES SAINTS-PÈRES, 19.

1866.

AO

AUCTOR DA PAQUITA

SAUDA

O TRADUCTOR DE ANACREONTE.

ÁCÊRCA

DE ANACREONTE.

Já alguem disse que o povo mais ditoso seria aquelle cuja historia fosse mais insipida. Não enristamos lança em favor da maxima, nem contra ella. Ouvimol-a applicada ás mulheres, e ficámos scismando que bem poderia ser mui verdadeira; pelo menos, se confrontamos no espirito do nosso interior estas mulheres de conquistada e esplendida fama : baroneza de Staël, condessa du Devant, condessa de Girardin, lady Montague, com aquell'outra sobre quem se lia em antiga lapide romana : — *Sepulchro não formoso de formosa mulher. Foi caseira; fiou lã;* — dão-nos tentações de apostar, que mais bemaventuranças caladas consumiria aquella só á sua parte, do que todas estas quatro, e quarenta como ellas. Quanto a homens porém, (se paradoxo é, que nol-o perdoem os caçadores de famas) quanto a homens, abraçamos a sentença a olhos fechados : aquelle que mais dá ao mundo em que fallar, é o que mais o

semeia de invejas, ruins plantas que nascem logo ouriçadas de espinhos para o seu cultor, e, se vem a dar flôres, não é senão depois de cem annos, e para coroar a urna de quem apenas as sonhára.

Para ser em tudo singular este bom Anacreonte, este sympathico Lafontaine dos Gregos, cujo nome nos está pedindo algumas linhas de commemoração, viveu elle tão emboscado em sua regalada obscuridade, que mal lhe sabemos da existencia. Lyra tão festejada entre os antigos; lyra creadora de um genero em que se conservou unica a fluctuar, sempre coroada de rosas frescas, por cimadas vagas de todas as revoluções litterarias; lyra que ainda agora dá échos, e namora corações em todos os pontos da terra, parece ente mais real que o seu proprio dono. Deixou-a elle vir boiando para a posteridade, e ficou-se descuidoso e esquecido, sem que nenhuns vivas nem morras quebrassem jámais o sonho florido, em que todos os largos annos se lhe deslisárão. Acontecimentos d'elle, em vão os pedimos á historia; as suas acções, forão cantigas e mais nada; os seus dias, não passárão de umas odesinhas perfumadas, que os amores, as graças, e a philosophia da indolencia lhe inspiravão sem lh'as elle pedir, e que a Grecia, attenta a tão nativa melodia, e tão afinada pelas delicias do seu solo,

da sua religião, dos seus ares, e das suas ondas, decorava como se as recordasse, e as guardava como em manhã de primavera se colhem violetas para ataviar festins, sem mais se pensar na escondida planta que as brotou.

A grande gloria para Anacreonte, que nunca talvez d'ella se lembraria, e, se se lembrasse, sem custo a alborcava por uma taça mais de vinho velho de Chios, principiou tarde; assim o permittírão os deoses beneficos, para o não desasocegarem. Afortunado velho! A vida sem celebridade, serena e incognita, como um arroio acobertado de ramas densas para banho de nymphas; e os louros só para o tumulo que já não sobresalta a mediocres!

O pouquissimo que d'este mancebo annoso nos conservou a tradição, eil-o aqui:

Na Jonia, região maritima da Grecia, entre o Meandro e o Hermo; terra abundosa de bellas cidades, de varões celebres, de campos amenissimos, que lhe grangeárão o titulo de *provincia das violetas;* n'aquella Jonia, cujo dialecto, cujas dansas, cuja musica, rescendião voluptuosidade, e se harmonisavão tão bem com a sua architectura esbelta e graciosa,— nasceu Anacreonte, 532 annos antes da nossa era, na cidade de Teos, a qual, sem elle, bem se pudera jazer para sempre esquecida sob o seu chrisma barbaro de *Boudroun*.

Alli nasceu, e só alli devia nascer; pois em que outra parte se houvera desenvolvido tão a pleno em ares tão seus, e tão viçoso, o seu espirito, reflexo das rosas, e écho dos alaúdes, halito da ternura, reminiscencia ou annuncio de idade aurea

Qual a sua linhagem fosse, nem se acerta, nem nos importa muito; pergunta alguem á andorinha do seu beirado, d'onde veio? Appareceu alli para cantar e augurar alegrias á pousada : que adviesse de perto ou de longe, que tivesse aberto os olhos entre cornijas de palacio, ou entre florinhas rusticas, balouçadas ao zephyro sob a orla de um telhado de choupana, é a andorinha; e quem vê e ouve a andorinha não pensa em nobiliarios; pensa em primavera e contentamento. Dizem que sua mãi se chamava *Eétia;* que monta isso? se lhe não dessem um nome de mulher, cuidal-o-hiamos filho occulto de qualquer das musas, gerado pelo proprio amor n'alguma sésta de verão entre as espessuras selvaticas do Parnaso. Assim como sete cidades se disputárão o berço de Homero, entre quatro diversos pais vacillão os biographos de Anacreonte : seria Scythino? seria Eumelo? seria Parthenio? seria Aristocrito? Se as amigas de Eétia confidencialmente lh'o perguntassem, talvez lhes responderia que nenhum d'esses : porém sim um cysne, alvo como

o de Leda, que n'um sonho deante-manhã de estio lhe apparecêra todo namorado, com um collar de jacinthos, e tão rescendente a nectar, que outra coisa não podia ser senão deidade.

Continuando ainda a tactear pela cerração dos tempos, dizem historiadores ser antiga a genealogia do nosso poeta. Oh! se elle os ouvíra n'essa faina... talvez lhes não perdoasse uma ode epigrammatica. Elle, que nem do ámanhã tinha cuidado, e não pensava na sua morte senão para melhor beber, podia lá ouvir, sem muito riso, que, para o festejarem a elle, andassem procurando outros, e desenterrando defuntos! ? Parece comtudo que era familia de grande conta, por virtude e haveres, representação e antiguidade, introncada, segundo nol-a representão, com a d'el-rei Codro, libertador e derradeiro monarcha dos Athenienses. Pois que seja muito nas boas horas parente de Solon, de Dropidas, e de Critias; de Solon que fez leis, de Dropidas que fez versos, de Critias que fez versos e tyrannias.

Cá para nós esses nomes, nem tirão, nem põem, lustre ao de Anacreonte. Anacreonte em nossa imaginação está mui bem assim como o vemos sem accessorios e solitario. Se porém vos dá gosto constellar de esplendores a scena para o folgazão do nosso velho, a quem um myrto florido bastaria, não vos faltão no seu tempo varões que a

historia fundio agigantados, e sobre-dourou para mais respeito. A'quelles dias pertencêrão Polycrates de Samos, Hipparco de Athenas, Pisistrato, Amasis, Cyro, Cambyses, Pithagoras. De todos estes só Pithagoras é que nos serve a nós; que, a despeito das suas philosophias sobrias, aguadas e taciturnas, tinha no rol, por certo escasso, dos seus amigos, ao nosso insaciavel amador de todas as beldades e inexhaurivel panegyrista de todos os bons vinhos e de todos os folguedos delicados. A medalha de Anacreonte devêra ter Pithagoras no reverso; um ao outro se realção e completão pela contraposição; são o dia e a noite; a noite, meditativa e profunda; o dia, immenso e luxuriante.

O hymno a Venus, desabrochada ao sol d'entre as espumas do Egêo, tinha apenas desabrochado, elle tambem, d'entre os labios do poeta, quando já todas as barcas d'aquellas namoradas paragens o entoavão com alvoroço ao compasso de seus remos. O harmonioso nome de Anacreonte, do velho divino que ensinava amores aos mancebos, e prazeres á propria Grecia, volitava com as auras pelos échos das ilhas e das costas d'aquelle mar tepido e resplandecente. Lá se diffunde ainda mais, lá se vai terra a dentro por toda a parte.

Cada povo ambicionava conhecer, ouvir e

victoriar homem tão extraordinario, que bem podia ser Apollo mesmo, novamente metamorphoseado em mortal, e que, para maior disfarce, velasse com barbas de prata, e raras cãs na fronte magestosa, a sua eterna mocidade. D'esta vez não baixára a guardar os rebanhos de Admeto; viera sim a retemperar a poesia, e ver mais de perto as donzellas das regiões que sempre a todas preferio.

Em Samos foi regiamente hospedado de Polycrates; tão regiamente, que, recebendo o principe a pomposa embaixada do satrapa sardo Oroetes, tinha sentado junto a si, hombro por hombro, e como rei com rei, o nosso poeta, que talvez lá por dentro bocejasse n'essa hora, morto por se ir estirar para cima da relva do jardim; que para elle uma harenga de embaixada não lhe valia, não, o mais singelo gorgeio de passarinho, ou um estremecido arrulho de rôla homisiada ao longe entre as ramarias do pinheiral.

Tinha-o presenteado o soberano com uma bolsa de cinco talentos (cerca de doze mil cruzados). Alvoroçou-se o poeta, como qualquer poeta se alvoroçaria. Chegada a hora de se ir ao leito, recolhe-se ao aposento, despe-se, reclina-se para dormir, invoca Morphêo, e Morphêo, pela primeira vez de sua vida, nem por longe lhe volteia. Recorre a Baccho por intercessor; mas a taça

perdeu a virtude; a chuva de ouro matára as papoulas. Cresce a noite, e a vigilia cada vez mais acesa; sem dormir, sonha. Todo aquelle metal se lhe está successivamente transformando perante a fantasia, em perfumes e grinaldas, em citharas de marfim marchetado, em Hebes e Ganimedes, em leitos e mantos de purpura, em flautistas e festins, em esculpturas, em pinturas, em trirémes e viagens; troca prazeres por prazeres; liba cada um; em nenhum se detem; possue todo o mundo; mas a si, não se acha; a paz do interior, o descanso, desampararão-no para sempre. Corre ao aposento de Polycrates, quando a aurora está ainda em duvidas de se erguer, e acordando-o sobresaltado: — « Guarda o teu ouro, amigo »— lhe diz elle — « quero mais ao dormir do que ás riquezas. Midas mereceu as orelhas que os deoses lhe puzerão; e Danae, se alguma coisa deu pelas opulencias de Jupiter, não foi a delicia do dormir nas horas em que as estrellas estão rociando somno por toda a terra. » — Largou o sacco, e voltou com um respiro largo para o leito, onde Morphêo já o esperava, e onde dormiria, sem sonhar, quatorze horas.

Muitas das suas odes contra a riqueza, voto que nascerião da lembrança de tão má noite. Hoje a sciencia demonstra que o dinheiro é o grande estimulo do progresso, e até o civilisador e o

moralisador por excellencia; e que os despeitos e imprecações de quasi todos os poetas contra elle, arrufos são de amantes mal favorecidos: como não podem alcançar, praguejão. Tenha embora razão a sciencia, que lh'a não quero eu negar; mas Anacreonte era assim, e se assim não fosse, não era Anacreonte. Ignorava economia politica; paciencia; mas em troca, fazia versos, e desfructava felicidade como ninguem, semeando gloria como poucos.

Era Hipparco filho de Pisistrato, suave e aprazivel Tyranno de Athenas, solícito em dar ao povo os passatempos e festas com que os animos se divertem dos tumultos, afogando em prazeres o amor da liberdade; manda o mui politico Hipparco armar uma alterosa galé de cincoenta remos, mastros dourados e velas de purpura, e a despacha, porto Pirêo em fóra, á busca do homem da lyra prodigiosa.

Convidado de tão cortez principe, e mais ainda por ventura attrahido da fama do requintado e folgazão viver da grande Athenas, e da formosura e donaires das habitantes, levanta-se Anacreonte d'um banquete, abraça os convivas, renova a grinalda, torna-os a abraçar, enchuga o ultimo copo, e lá se parte encommendando-se ás Nereidas, aos Delphins, amigos dos poetas, e á deosa nascida das ondas, a quem elle com seus

cantos augmentára adorações. A constellação da lyra preside á sua derrota.

Não é invenção nossa esta gentil viagem. Narra-a Platão, o pintor eloquente e apaixonado da philosophia; Platão, outro parente, outro nobilitador da familia de Anacreonte, como o proprio Hipparco e Pisistrato, que tambem se dizião progenie de el-rei Codro.

Na pôpa da galé, que varre com festões verdes as espumas, avulta em pé Anacreonte, manto de gran retincta a esvoaçar-se-lhe com as auras, diadema de bastas flôres na cabeça, barbas perfumadas de essencias, sobre o peito a lyra, e os olhos a cambiarem brilhantismo e alegria com o mar Jonio; assumpto era que o não perderia Apelles, se já fôra nascido.

Deixamos a cuidar o como este genio humanado seria recebido das turbas ao desembarque, regalado por Hipparco, ambicionado nos banquetes, escutado nos passeios dos porticos, mostrado a dedo nas ruas, nas festas de Minerva, de Venus, e de Baccho. Por trinta e cinco andão no seu *rol de amores* as desinquietadoras que o seu coração por alli encontrou.

Ainda n'esse tempo não erão nascidos Éschylo, Euripides, Sóphocles, Aristóphanes, Critino, e Menandro; o theatro grego não existia. Os cantos de Orphêo e de Lino, erão nimio graves para animos

tão volateis e divertidos. O venerando Homero, cantor das glorias nacionaes, e gloria nacional tambem, devia ser mais estudo que delicias. Nas artes de desenho não apparecêrão ainda Phidias, Praxiteles, Zeuxis, Apelles, Parrhasio, Timante, Scopas, Myron, Lysippo, bem que a esculptura e a pintura fossem já sahidas da infancia; o bello, decisivo e immortal, vinha amanhecendo nos céos gregos. Com que enthusiasmo não devia ser logo admirado na capital da Attica este filho de Teos, em cujos cantos se espelhavão todos os primores da natureza, da religião, do espirito, e dos affectos?! Nos seus fugazes poemas passavão por diante da alma as estatuas, os paineis, as taças esculpidas, as grinaldas, as choréas, as galas do toucado e do vestido, as festas rusticas e as religiosas, e uma philosophia que, pela sua indole facil e commoda, se podia dizer um dos elementos da atmosphera, respirada a peito cheio n'aquella região.

Nada d'isto dá quebra á verdade do que nós diziamos a principio. Em tão variados gozos vemos apenas prazeres, como os deoses os podem receber nos fumos do incenso, e nas festas de suas aras; e prazeres que, para o nosso desambicioso commodista, bem podião ser aguarentados com o captiveiro da celebridade entre cortezãc.

e em palacio. A gloria, se a fundo o conhecemos, não o namorava alli; a gloria, a verdadeira gloria, universal, perduravel e eterna, forma-se insensivelmente com os seculos; que só d'elles é que se fazem, como as grandes arvores, as grandes famas.

Nada podia transvial-o dos seus singelos gostos. Tratava mão por mão com os sabios e poetas, que a munificencia do principe attrahia á sua côrte : Pithagoras, Democedes, Simonides, Chérilo, e quantos outros? mas como se a familiaridade de bons amigos fosse pouco para o desforrar de pompas palacianas, usava ainda furtar-se a miudo á cidade, e passar tempos esquecidos, a sós com a natureza, n'uma aprazivel solidão campestre, que possuia á beira do Egêo. Alli é que era o espairecer-se a seu talante, revezando passeios meditativos com lidas rusticas. Alli se lhe ião os olhos pelas ilhetas lá ao longe, para voltarem a recahir com mais deleite nos vinhaes que elle mesmo ajudava a vindimar, nos rosaes d'onde trançava as suas corôas. Alli se banqueteava com a sua pomba, tão ufano que nem que fôra ella uma princeza. Alli entoava os seus hymnos á primavera. Alli, no inverno, era elle em pessoa, o que se levantava a deshoras, para abrir a porta ao amor, se perdido e alagado lhe vinha requerer pousada; elle em pessoa que ia acender o seu lume para o agasalhar.

O seu hymno á cigarra, tão candidamente invejoso, ninguem que tenha alma o lerá sem logo ver por dentro todos os amenos recantos do espirituoso coração de Anacreonte : o viver do insectozinho musico, solitario, descuidoso, liberrimo, era para elle ideal de felicidade.

Morto Hipparco, pela civica vingança de Harmodio e Aristogiton, volve á terra natal o nosso poeta. Estava porém no livro dos fados que não havia de ser o seu gracioso berço o que lhe servisse de sepulchro. Vendo a sua Jonia invadida e senhoriada de inimigos, elle, o poeta da paz, da independencia e do prazer, foge espavorido com outros seus conterraneos, e vai-se demandar asylo em Abdéra, cidade da Thracia. Foi Abdéra terra de entendimentos crassos e de espiritos rombos, segundo narra a triste de sua fama. Que vivenda para um filho da Jonia, e idolo, ha pouco, de Athenienses! De crer é que, mais ainda que a velhice e o desterro, ares assim estupidos o matarião. Cantai lá delicadezas entre barbaros! ou vivei sem cantar, se a natureza vos fez rouxinol!

A mesa regalada de outr'ora... resumio-lh'a o fastio em passas de uvas. A graínha de uma, cahindo-lhe um dia no esóphago, o afogou aos ortenta e cinco annos de sua idade. Dir-se-hia que Baccho muito de industria escolhêra aquella tenue sementinha do seu fructo, tanta vez ce-

lebrado por Anacreonte, para o recompensar dos hymnos com um trespasso instantaneo e sem molestia.

Um epitaphio, que outro poeta grego lhe engenhou, rezava assim:

> O que mil vezes vos cantei na lyra,
> Inda aqui mudo m'o ouvireis dizer:
> Beber! beber! emquanto se respira;
> Sendo-se pó, não ha já mais beber.

Por dous modos oppostos ha sido Anacreonte conceituado: moralistas inexoraveis, comquanto lhe confessem o talento, dão-no por um vicioso miseravel, encharcado nas sensualidades; *de grege porcum.* Outros, sem lhe escurecerem as tendencias terrestres, essencia do seu composto, idealisão-no todavia, e não ha louvor moral que lhe não liberalisem; dão-no por sapiente, e para esse conceito se abonão com duas tão respeitaveis autoridades, como são Socrates e Platão. Que averiguem, se puderem, lá essa contenda uns com os outros; nós, fóra de um e de outro fanatismo, só dizemos: que não é costume de devassos perdidos o viverem oitenta e cinco annos; e quem sabe quantos mais não viveria o bom do nosso velho, se não fòra a maldita passa!

Deduzí da sua poesia o quinhão largo, requerido por uma religião tão sensual; outro quinhão

para a moda, que, em cidades tão ricas e florescentes, pouco se prende com escrupulos; outro emfim não menos copioso para a hyperbole do enthusiasmo, e póde ser que nos fique apenas um honesto epicureo, d'estes de que todos nós havemos de ter encontrado, cá na nossa christandade, boas amostras em ruim prosa. Mal iria a quem trova, se lhe tomassem todos os versos por historia! Por contas bem contadas, mais vinho que vinte Anacreontes haveria despejado só á sua parte o nosso arcade Elpino Nonacriense no seu volume grosso de dithyrambos, com ser um venerando desembargador do paço; e em mais galanteios cem vezes, borboleteou por ahi qualquer Elmano, Belmiro ou Camões.

Uma só coisa ha em que o velho nos destôa de veras, peccadoraço contra as leis do gosto e as da natureza, posto que tambem para ahi lhe attenuem imputações os costumes do tempo e o exemplo dos immortaes. Merecia que o amor o tornasse a fustigar, e mais rijo, com a hástea de jacintho; mas se o deixassemos açoutar a elle, como acudiriamos a Sapho? Recubramos os mortos celebres, com a lousa que se tornou ara. Os seculos devem ser indulgentes.

Confessemos antes : que, para darmos sentença sobre a moral de Anacreonte, nos minguão fundamentos. Affirmando louvor ou vituperio para

elle, em tudo que não fôr poesia, andariamos temerarios e em grande contingencia de aleivosos ou de credulos. A escassa porção que dos seus muitos escriptos nos ficou, interpretada á boa parte, segundo convem e o pede a equidade; não revela certa philosophia? uma philosophia desestudada? uma philosophia de indole e de organisação, se assim se póde dizer, repassada de optimismo, de indifferentismo, de sensualismo, de bemquerença, e de indolencia? philosophia improductiva, mas innocente pelo menos, revestida dos mais brilhantes e seductores matizes da imaginação, do affecto, e do estylo? philosophia, que é entre as philosophias o mesmo que entre arvores fructiferas uma só de vista e regalo, ou um dia festivo, encravado nos de lida, grangeio e negocio?

Outros produzem alimentos para a alma, para o espirito, ou para o coração : este deu-nos um condimento aromatico, saboroso, excitativo, cuja virtude bem poderá ser corrigir cruezas indigestas de muitas alimentações substanciaes.

O que é verdade, é : que os Athenienses, gente que tambem disputava de moraes, assim como cultivava as artes e os deleites, consagrárão a Anacreonte uma estatua, par a par com as dos seus Pericles e Xantippo; e onde? na alcáçova; no proprio recinto a que presidia o santo

vulto da deosa da sapiencia, padroeira da cidade.

Não pára aqui. Em Teos erigírão-lhe tumulo honorifico, e ainda outra estatua lhe dedicárão. A sua effigie tornou-se vulgar assumpto de pintores, e até em medalhas se esculpio.

E tambem inda aqui não pára. Trechos mui explicitos de escriptos seus nol-o debuxão, com a mais verosimil naturalidade, homem tão desespinhado de invejas, odios e maledicencias, como puro de ambições e avarezas.

Pensai bem tudo isto primeiro que sentencieis, se por força quereis sentenciar. Nós lá vos deixamos n'esse fantastico tribunal, e vimos sentarnos a respirar poesia diante do nosso velho, que se está sorrindo de taes disputas; queremos antes empregar o tempo em o escutar e repetir, se pudermos, os seus cantos.

Mui felizes nós, se, échos frouxos e longinquos, fizermos n'uma ou n'outra nota reconhecer a divina toada d'estas canções inimitaveis.

ΑΝΑΚΡΕΟΝΤΟΣ

ΩΔΑΙ.

α'.

ΕΙΣ ΚΙΘΑΡΑΝ.

Θέλω λέγειν Ἀτρείδας,
Θέλω δὲ Κάδμον ᾄδειν·
Ἡ βάρβιτος δὲ χορδαῖς
Ἔρωτα μοῦνον ἠχεῖ.
Ἤμειψα νεῦρα πρώην,
Καὶ τὴν λύρην ἅπασαν,
Κἀγὼ μὲν ᾖδον ἄθλους
Ἡρακλέους· λύρη δὲ
Ἔρωτας ἀντεφώνει.
Χαίροιτε λοιπὸν ἡμῖν,

Ἥρωες· ἡ λύρη γὰρ
Μόνους Ἔρωτας ᾄδει.

1.

DA SUA LYRA.

De Atridas os feitos, de Cadmo os louvores
tentei celebrar;
e a lyra rebelde só cantos de amores
me quiz entoar.

Impuz-lhe outras cordas... Trabalho perdido!
A lyra troquei;
aos feitos de Alcides a nova convido...
e *Amor*, lhe escutei!

Adeos, grandes homens! Buscai n'outra lyra
o vosso louvor!
A minha não sabe; não póde; suspira
só cantos de amor.

β'.

ΕΙΣ ΓΥΝΑΙΚΑΣ.

Φύσις κέρατα ταύροις
Ὁπλὰς δ' ἔδωκεν ἵπποις,
Ποδωκίην λαγωοῖς,
Λέουσι χάσμ' ὀδόντων,
Τοῖς ἰχθύσιν τὸ νηκτὸν,
Τοῖς ὀρνέοις πέτασθαι,
Τοῖς ἀνδράσιν φρόνημα.
Γυναιξὶν οὐκ ἔτ' εἶχεν.
Τί οὖν δίδωσι; κάλλος,
Ἀντ' ἀσπίδων ἁπασῶν,
Ἀντ' ἐγχέων ἁπάντων.
Νικᾷ δὲ καὶ σίδηρον
Καὶ πῦρ καλή τις οὖσα.

2.

DAS MULHERES.

DEU ao touro a natureza
duras pontas por defeza;
ao corcel a pata bruta;
pé volante á lebre hirsuta;

ao leão prêsas tyrannas.
Deu ao peixe as barbatanas;
vôo ao passaro; ao varão
deu emfim, deu a razão.

A' mulher a natureza
já não tinha mais que dar!...
Tinha apenas a belleza;
só com isso a pôde armar.
Quem por lança e por escudo
tem belleza, que mais quer?
Vencem ferro, e fogo, e tudo,
os encantos da mulher.

γ'.

ΕΙΣ ΕΡΩΤΑ.

Μεσονυκτίοις ποθ' ὥραις,
Στρέφεται ὅτ' Ἄρκτος ἤδη
Κατὰ χεῖρα τὴν Βοώτου,
Μερόπων δὲ φῦλα πάντα
Κέαται κόπῳ δαμέντα,
Τότ' Ἔρως ἐπισταθείς μευ
Θυρέων ἔκοπτ' ὀχῆας.
« Τίς » ἔφην « θύρας ἀράσσει;

« Κατά μευ σχίσεις ὀνείρους. »
Ὁ δ' Ἔρως « Ἄνοιγε » φησίν.
« Βρέφος εἰμί · μὴ φόϐησαι.
« Βρέχομαι δὲ, κἀσέληνον
« Κατὰ νύκτα πεπλάνημαι. »
Ἐλέησα, ταῦτ' ἀκούσας·
Ἀνὰ δ' εὐθὺ λύχνον ἅψας,
Ἀνέῳξα. Καὶ βρέφος μὲν
Ἐσορῶ φέροντα τόξον
Πτέρυγάς τε καὶ φαρέτρην·
Παρὰ δ' ἱστίην καθίξας,
Παλάμαις τε χεῖρας αὐτοῦ
Ἀνέθαλπον, ἐκ δὲ χαίτης
Ἀπέθλιϐον ὑγρὸν ὕδωρ.
Ὁ δ', ἐπεὶ κρύος μεθῆκε,
« Φέρε, » φησί « πειράσωμαι
« Τόδε τόξον, ἐς τί μοι νῦν
« Βλάϐεται βραχεῖσα νευρή. »
Τανύει δὲ, καί με τύπτει
Μέσον ἧπαρ, ὥσπερ οἶστρος,
Ἀνὰ δ' ἅλλεται καχάζων,
« Ξένε, » δ', εἶπε, « συγχάρηθι·
« Κέρας ἀϐλαϐὲς μέν ἐστι
« Σὺ δὲ καρδίαν πονήσεις. »

3.

O AMOR TRANSIDO.

A noite passada,
á hora em que a Ursa
mais perto discursa
da mão do Boieiro;
e o somno profundo
no gremio fagueiro
por todo esse mundo
restaura os mortaes,
em meio era a noite;
o exemplo dos mais
no leito eu seguia;
sereno dormia....
A' porta imprevisto
Cupido me bate!
A' pressa me visto;
redobra o rebate;
acudo a correr.
« Sou eu, — *diz de fóra*, —
« não tens que temer;
« sou um pequenino
« que vaga, a tal hora,
« molhado e sem tino,

« perdido no escuro,
« pois lua não ha ! »
Ouvil-o gemendo
De mágoa me corta;
a lampada acendo,
franqueio-lhe a porta...
em casa me está!
Descubro (em verdade
mentido não tinha)
gentil criancinha
com arco e carcaz.
Remexo nas brasas
da minha lareira;
restauro a fogueira;
as mãos, que são gêlo,
lhe aqueço nas minhas,
lhe espremo o cabello,
lhe enxugo as azinhas;
já frio não faz.
« —Vejamos se a chuva
(Dizia e sorria)
« a corda do arco
« me não damnaria ! »
Levanta-o do chão;
recurva-o, dispara
no meu coração.
A frecha que o vara
parece um tavão.

Eu, dôres damnadas,
e o doudo ás risadas,
de gôsto a pular!
— « Meu caro hospedeiro,
(me diz prazenteiro)
« agora é folgar.
« Permitte me ausente;
« meu arco está são....
« Quem fica doente
« é teu coração! »

δ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Ἐπὶ μυρσίναις τερείναις,
Ἐπὶ λωτίναις τε ποίαις
Στορέσας, θέλω προπίνειν,
Ὁ δ' Ἔρως, χιτῶνα δήσας
Ὑπὲρ αὐχένος παπύρῳ,
Μέθυ μοι διακονείτω.
Τροχὸς ἅρματος γὰρ οἷα
Βίοτος τρέχει κυλισθεὶς,
Ὀλίγη δὲ κεισόμεσθα
Κόνις, ὀστέων λυθέντων.

Τί σε δεῖ λίθον μυρίζειν;
Τί δὲ γῆ χέειν μάταια;
Ἐμὲ μᾶλλον, ὡς ἔτι ζῶ,
Μύρισον, ῥόδοις δὲ κρᾶτα
Πύκασον, κάλει δ' ἑταίρην.
Πρὶν, Ἔρως, ἐκεῖ μ' ἀπελθεῖν
Ὑπὸ νερτέρων χορείας,
Σκεδάσαι θέλω μερίμνας.

4.

VIDA APROVEITADA.

Em colchão de murta e lodão
reclinado em ocio brando,
ir as horas encurtando
praz-me em doces libações.
Prêsa em nastro de papyro
no hombro a veste airosa e lassa,
vem Amor que me enche a taça
de almo nectar e canções.

Como férvidas quadrigas
vão-se a vòo os dias nossos;
do que foi, só restão ossos
que o sepulchro em pó desfaz.

Insensato, porque esparzes
sobre um marmore os aromas?
Porque, ó louco, a flux não tomas
libações, que á terra dás?

Gasta em mim, que inda estou vivo,
as essencias voluptuosas;
engrinalda-me de rosas;
o meu bem me vai chamar.
Antes de ir, lá sob a terra,
ás choréas dos finados,
os solicitos cuidados
quero, Amor, afugentar.

ε'.

ΕΙΣ ΡΟΔΟΝ.

Τὸ ῥόδον τὸ τῶν Ἐρώτων
Μίξωμεν Διονύσῳ·
Τὸ ῥόδον τὸ καλλίφυλλον
Κροτάφοισιν ἁρμόσαντες,
Πίνωμεν ἁβρὰ γελῶντες.
Ῥόδον, ὦ φέριστον ἄνθος!

Ῥόδον εἴαρος μέλημα·
Ῥόδα καὶ θεοῖσι τερπνά·
Ῥόδα, τοῖς ὁ παῖς Κυθήρης
Στέφεται καλοὺς ἰούλους,
Χαρίτεσσι συγχορεύων.
Στέψον οὖν με· καὶ, λυρίζων
Παρὰ σοῖς, Διόνυσε, σηκοῖς,
Μετὰ κούρης βαθυκόλπου,
Ῥοδίνοισι στεφανίσκοις
Πεπυκασμένος, χορεύσω.

5.

ROSAS.

Misturemos com Baccho a rosa dos amores.
As rosas são bellas.
Grinaldas bem frescas, tecidas só d'ellas
nos cinjão, nos ornem, fieis bebedores,
o rir e o folgar.

O' minha cara rosa, ó rainha das flôres
que traz primavera!
Delicia dos numes! és tu que em Cythera,
na dansa das graças, ao Deos dos amores
costumas toucar.

Já, já, todo um rosal! vai hoje grande festa!
Grinalda queremos
tão farta de rosas, que não revelemos
aos outros dansantes a calva da testa,
pois vamos dansar.

Dansar (ai que prazer!) de Baccho em torno ao templo
com moça, desvelos
de quantos a avistão; peitinhos tão bellos
que os olhos me endoudão, se em dansa os contemplo
co'a dona a pular!

ϛ'.

ΕΡΩΤΙΚΟΝ.

Στεφάνους μὲν κροτάφοισι
Ῥοδίνους συναρμόσαντες,
Μεθύομεν ἁβρὰ γελῶντες·
Ὑπὸ βαρβίτῳ δὲ κούρα,
Καταχίσσοισι βρέμοντας
Πλοκάμοις φέρουσα θύρσους,
Χλιδανόσφυρος χορεύει.
Ἁβροχαίτας δ' ἅμα κοῦρος
Στομάτων ἁδὺ πνεόντων
Κατὰ πηκτίδων ἀθύρει

Προχέων λιγεῖαν ὀμφάν.
Ὁ δ' Ἔρως ὁ χρυσοχαίτας
Μετὰ τοῦ καλοῦ Λυαίου,
Καὶ τῆς καλῆς Κυθήρης,
Τὸν ἐπήρατον γεραιοῖς
Κῶμον μέτεισι χαίρων.

6.

FESTIM.

A' mesa, convivas! na fronte mil rosas,
nas bocas mil risos, nos seios amor!
Mocinha ligeira, que é flôr de formosas,
dansando, meneie, nas mãos graciosas,
thyrso de heras tremedor,
regulando os passos
com que leve gyra,
aos certos compassos,
dictados da lyra.

Mocinho entretanto, de coma a undular,
macia, fragrante, de bafo cheiroso,
derrame dos labios cantar voluptuoso.
O louro Cupido virá jubiloso,
com Lyêo e Cypria honrar

o nume, que aos brodios preside e põe regra
e em annos serodios me activa e me alegra.

ζ'.

ΑΛΛΟ ΕΡΩΤΙΚΟΝ.

Ὑακινθίνῃ με ῥάϐδῳ
Χαλεπῶς Ἔρως ῥαπίζων
Ἐκέλευε συντροχάζειν.
Διὰ δ' ὀξέων μ' ἀναύρων,
Ξυλόχων τε καὶ φαράγγων,
Τροχάοντα τεῖρεν ἱδρώς·
Κραδίη δὲ ῥινὸς ἄχρις
Ἀνέϐαινε, κἂν ἀπέσϐην.
Ὁ δ' Ἔρως, μέτωπα σείων
Ἀπαλοῖς πτεροῖσιν, εἶπεν·
« Σὺ γὰρ οὐ δύνῃ φιλῆσαι. »

7.

FRACO PARA AMANTE.

Amor, que sempre trêfego,
turbar meus ocios sinto,

co'uma hástea de jacintho
me entrou a fustigar :
— « Anda comigo, apressa-te!
« Corre! » — o cruel dizia;
E eu, trôpego, corria,
corria a tropeçar
por espinhaes selvaticos,
montes, correntes, fragas;
cahe-me o suor em bagas;
abafo; vou morrer....
Amor se ausenta, dando-me
co'as azas no semblante:
— « *Fica* (me diz), *amante*
Nunca has de vir a ser! »

η'.

ΟΝΑΡ.

Διὰ νυκτὸς ἐγκαθεύδων
Ἁλιπορφύροις τάπησι,
Γεγανυμένος Λυαίῳ,
Ἐδόκουν ἄκροισι ταρσοῖς
Δρόμον ὠκὺν ἐκτανύειν,
Μετὰ παρθένων ἀθύρων.

Ἐπεκερτόμουν δὲ παῖδες
Ἀπαλώτεροι Λυαίου,
Δακέθυμά μοι λέγοντες,
Διὰ τὰς καλὰς ἐκείνας.
Ἐθέλοντα δὲ φιλῆσαι
Φύγον ἐξ ὕπνου με πάντες·
Μεμονωμένος δ' ὁ τλήμων
Πάλιν ἤθελον καθεύδειν.

8.

SONHO TRUNCADO.

Em cima da fôfa purpura
dormitava certo dia,
inda inquieto, e alegre o espirito,
pela bacchica alegria;

E sonhava, em dansa rapida,
retoiçar com moças bellas,
provocál-as, provocarem-me,
ver-me doudo andar trás ellas.

De mocitos finos, candidos,
mais que o proprio Deos do vinho,
de redor me andava rindo-se
um ligeiro burburinho.

E então ellas, formosissimas,
me atiravão de uns farpões,
que têm de uso irem no intimo
traspassar os corações.

Quando eu ia todo lepido,
abraçar, beijar as bellas....
com meu sonho e o bando aligero
desparecem todas ellas!

Vi-me só na minha purpura
arrancado a tal prazer.
Ai! senti, senti, declaro-vos,
não tornar a adormecer.

θ'.

ΕΙΣ ΠΕΡΙΣΤΕΡΑΝ.

« Ἐρασμίη πέλεια,
« Πόθεν, πόθεν πετᾶσαι,
« Πόθεν μύρων τοσούτων,
« Ἐπ' ἠέρος θέουσα,
« Πνέεις τε καὶ ψεκάζεις;
« Τίς εἶς; τί σοι μέλει δέ; »

« — Ἀνακρέων μ' ἔπεμψε
« Πρὸς παῖδα, πρὸς Βάθυλλον,
« Τὸν ἄρτι τῶν ἁπάντων
« Κρατοῦντα καὶ τύραννον.
« Πέπρακέ μ' ἡ Κυθήρη,
« Λαβοῦσα μικρὸν ὕμνον.
« Ἐγὼ δ' Ἀνακρέοντι
« Διακονῶ τοσαῦτα.
« Καὶ νῦν οἵας ἐκείνου
« Ἐπιστολὰς κομίζω!
« Καί φησιν εὐθέως με
« Ἐλευθέρην ποιήσειν·
« Ἐγὼ δὲ, κἢν ἀφῇ με,
« Δούλη μενῶ παρ' αὐτῷ.
« Τί γάρ με δεῖ πέτασθαι
« Ὄρη τε καὶ κατ' ἀγροὺς,
« Καὶ δένδρεσιν καθίζειν,
« Φαγοῦσαν ἄγριόν τι;
« Τὰ νῦν ἔδω μὲν ἄρτον,
« Ἀφαρπάσασα χειρῶν
« Ἀνακρέοντος αὐτοῦ·
« Πιεῖν δέ μοι δίδωσι
« Τὸν οἶνον ὃν προπίνει.
« Πιοῦσα δ' ἂν χορεύσω,

« Καὶ δεσπότην ἐμοῖσιν
« Πτεροῖσι συγκαλύψω.
« Κοιμωμένη δ' ἐπ' αὐτῷ
« Τῷ βαρβίτῳ καθεύδω.
« Ἔχεις ἅπαντ'· ἄπελθε·
« Λαλιστέραν μ' ἔθηκας,
« Ἄνθρωπε, καὶ κορώνης. »

9.

O TRANSEUNTE E A POMBA.

O TRANSEUNTE.

—D'ONDE vens tu, pombinha,
minha hóspeda celeste?
De que paiz trouxeste
o cheiro seductor,
que em nós de ti derramas,
dos céos qual desce ás ramas
orvalho creador?
Dize, avezinha linda,
se, embaixatriz, és vinda
novas trazer de amor?

A POMBA.

— Pois vais ouvil-o.
De Anacreonte

ao seu Bathyllo
mandada vou;
porque o conheças
signaes te dou.

Bathyllo é moço,
que faz de amores
muito destrôço
nos corações;
rei ou tyranno
das affeições.

Fui predilecta
de Cytheréa;
ao seu poeta
ella me deu,
quando este um canto
lhe offereceu.

Sou d'elle agora
serva e correio;
vou-me n'esta hora,
e á pressa vou
dar esta carta
que me entregou.

Fez-me promessa
que, em eu voltando,

logo me cessa
a escravidão;
mas eu deixál-o!
Juro que não.

Como! liberta
por valle e monte,
buscando, incerta,
silvestres grãos,
eu, que o pão furto
das suas mãos!

Que em sua taça
bico o meu vinho;
depois, com graça,
entro a dansar,
e na cabeça
lhe vou pousar!

e em vindo o somno
logo na lyra
do nosso dono
me empoleirei;
e durmo a noite,
que nem um rei!

Adeos, amigo!
Já de sobejo

palrei comtigo.
Pobre de mim!...
Nem uma gralha
palrava assim.

ι'.

ΕΙΣ ΕΡΩΤΑ ΚΗΡΙΝΟΝ.

Ἔρωτα κήρινόν τις
Νεηνίης ἐπώλει.
Ἐγὼ δέ οἱ παραστάς,
« Πόσου θέλεις » ἔφην « σοὶ
« Τὸ τυχθὲν ἐκπρίωμαι; »
Ὁ δ' εἶπε δωριάζων·
« Λάβ' αὐτὸν ὁππόσου λῇς.
« Ὅπως ἂν ἐκμάθῃς νιν,
« Οὐκ εἰμὶ καροτέχνας,
« Ἀλλ' οὐ θέλω συνοικεῖν
« Ἔρωτι παντορέκτᾳ. » —
« Δὸς οὖν, δὸς αὐτὸν ἡμῖν
« Δραχμῆς, καλὸν σύνευνον. »
Ἔρως, σὺ δ' εὐθέως με
Πύρωσον· εἰ δὲ μὴ, σὺ
Κατὰ φλογὸς τακήσῃ.

10.

UM CUPIDO DE CÊRA.

Olha o Cupido de cêra
que vende aquelle rapaz!
— « Vem cá; és bello esculptor!
« A figura d'esse amor,
« por quanto m'a venderás? »

Em seu dorico dialecto
o moço então me volveu :
— « Dar-me-has o que fôr razão;
« tomára-o fóra da mão;
« nem é este o officio meu.

« Já lá em casa este demo
« ninguem o póde aturar;
« tudo nos queima. »— « Pois bem,
« se uma drachma te convem,
« toma. Está-me a namorar!...

. . . .

« Agora o caso é comigo,
« Amor : este peito meu,
« é abrasar-m'o já já;
« quando não... sabido está,
« quem te derrete sou eu. »

ια'.

ΕΙΣ ΕΡΩΤΑ.

Θέλω, θέλω φιλῆσαι.
Ἔπειθ' Ἔρως φιλεῖν με·
Ἐγὼ δ', ἔχων νόημα
Ἄβουλον, οὐκ ἐπείσθην.
Ὁ δ', εὐθὺ τόξον ἄρας
Καὶ χρυσέην φαρέτρην,
Μάχῃ με προὐκαλεῖτο.
Κἀγὼ, λαβὼν ἐπ' ὤμων
Θώρηχ', ὅπως Ἀχιλλεὺς,
Καὶ δοῦρα καὶ βοείην,
Ἐμαρνάμην Ἔρωτι.
Ἔβαλλ', ἐγὼ δ' ἔφευγον.
Ὡς δ' οὐκ ἔτ' εἶχ' ὀϊστοὺς,
Ἤσχαλλεν, εἶθ' ἑαυτὸν
Ἀφῆκεν εἰς βέλεμνον·
Μέσος δὲ καρδίης μευ
Ἔδυνε, καί μ' ἔλυσεν.
Μάτην δ' ἔχω βοείην.
Τί γὰρ βάλωμεν ἔξω,
Μάχης ἔσω μ' ἐχούσης;

11.

CAPITULAÇÃO.

Sim, oh! Sim, amar já quero!
Bem m'o propunha Cupido;
e eu, nescio, eu, louco perdido,
seus convites a esquivar!

Leva do arco e da aljava,
á guerra me desafia;
Achilles, em bizarria,
não me pudera igualar.

Já peito d'armas revisto;
já entro em campo galhardo,
brandindo na dextra um dardo,
e na sinistra um broquel.

Eil-o frechas e mais frechas
me arroja, com mão certeira;
e eu, carreira e mais carreira,
sempre a fugir do cruel.

Mal vio seu carcaz vazio,
e que inda me não feríra,
elle proprio, ardendo em ira,
se me arroja qual farpão

A'quelle tiro, desmaio,
pois veio a mim, tão direito,
que, atravessando-me o peito,
se entranhou no coração.

Já não quero mais escudos;
capitular é prudencia.
Que aproveita a resistencia
a quem destruido é já?

É provocar males novos;
e até de delirio passa
defender, por fóra, a praça,
se dentro o inimigo está.

ιϐ′.

ΕΙΣ ΧΕΛΙΔΟΝΑ.

Τί σοι θέλεις ποιήσω,
Τί, κωτίλη χελιδόν;
Τὰ ταρσά σευ τὰ κοῦφα
Θέλεις λαϐὼν ψαλίξω;
Ἢ μᾶλλον ἔνδοθέν σευ
Τὴν γλῶσσαν, ὡς ὁ Τηρεὺς

Ἐκεῖνος, ἐκθερίζω;
Τί μευ καλῶν ὀνείρων
Ὑπορθρίαισι φωναῖς
Ἀφήρπασας Βάθυλλον;

12.

MÁ VIZINHA.

Tu andas, certo, a tentar-me
co'o teu palrar, andorinha!
Se te apanho, inda não sei,
por seres tão má vizinha,
a pena que te darei!

Queres que te corte as guias?
ou faça o que fez Thereo,
que, segundo a historia diz,
te arrancou pela raiz
a lingua, flagello seu?

Inda bem não rompe o dia,
já na beira do telhado
começas a papear!
Lá se vai Bathyllo amado!
Lá se estraga o meu sonhar!

ιγ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Οἱ μὲν καλὴν Κυβήβην
Τὸν ἡμίθηλυν Ἄττιν
Ἐν οὔρεσιν βοῶντα
Λέγουσιν ἐκμανῆναι·
Οἱ δὲ Κλάρου παρ' ὄχθαις,
Δαφνηφόροιο Φοίβου
Λάλον πιόντες ὕδωρ,
Μεμηνότες βοῶσιν.
Ἐγὼ δὲ, τοῦ Λυαίου
Καὶ τοῦ μύρου κορεσθεὶς
Καὶ τῆς ἐμῆς ἑταίρης,
Θέλω, θέλω μανῆναι.

13.

DELIRIO PERPÉTUO.

Quando Atys effeminado
vagava, de amor perdido,
diz que andava delirante,
lá nos montes, incessante,
por Cybelle a vozear.

Diz que na ilha de Claros,
quem da fatidica veia,
sacra a Apollo, as aguas bebe,
tanta furia em si concebe
que anda sem tino a bradar.

Pois tambem eu (mas banhado
em suavissimas essencias,
e ebrio de vinho e de beijos)
cifro todos meus desejos
no de sempre delirar!

ιδ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Λέγουσιν αἱ γυναῖκες·
« Ἀνακρέων, γέρων εἶ·
« Λαβὼν ἔσοπτρον, ἄθρει
« Κόμας μὲν οὐκ ἔτ' οὔσας,
« Ψιλὸν δέ σευ μέτωπον. »
Ἐγὼ δὲ τὰς κόμας μέν,
Εἴτ' εἰσὶν, εἴτ' ἀπῆλθον,
Οὐκ οἶδα· τοῦτο δ' οἶδα,
Ὡς τῷ γέροντι μᾶλλον

Πρέπει τὸ τερπνὰ παίζειν,
Ὅσῳ πέλας τὰ Μοίρης.

14.

A CALVA.

Dizem-me as moças, rindo :
« — Meu pobre Anacreonte !
« Devéras que estás velho !
« Vai ver, vai ver no espelho
« a calva d'essa fronte ! »

Se é calva ou não é calva,
não sei, nem tal me importa.
Sei que o prazer e amar,
se tenho a morte á porta,
mais devo approveitar.

ιε'.

ΕΙΣ ΤΟ ΑΦΘΟΝΩΣ ΖΗΝ.

Οὔ μοι μέλει τὰ Γύγεω,
Τοῦ Σαρδίων ἄνακτος·
Οὐδ' εἶλέ πώ με ζῆλος,
Οὐδὲ φθονέω τυράννοις.

Ἐμοὶ μέλει μύροισιν
Καταβρέχειν ὑπήνην·
Ἐμοὶ μέλει ῥόδοισιν
Καταστέφειν κάρηνα.
Τὸ σήμερον μέλει μοι·
Τὸ δ' αὔριον τις οἶδεν;
Ὡς οὖν ἔτ' εὐδί' ἐστὶν.
Καὶ πῖνε, καὶ κύβευε,
Καὶ σπένδε τῷ Λυαίῳ,
Μὴ νοῦσος, ἤν τις ἔλθῃ,
Λέγῃ· « Σὲ μὴ δεῖ πίνειν.

15.

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?

Deixar lá Gyges, o rei sardo;
nunca a tyrannos invejei.
Thesouros! eu nem os aguardo,
nem os pedi, nem pedirei.

O que eu só quero é bons aromas
por estas barbas esparzir;
rosas tecer nas raras comas,
e não pensar no que ha de vir.

O que ha de vir . . . quem no adivinha ?
Faz bello dia ; approveitar !
A taça enchei, que eu encho a minha :
ao bom Lyêo convem libar.

Batendo na porta a doença
sahe pela janella o prazer .
« — Venho cassar tua licença —
(diz ella) ; acabou-se o beber ! »

ις'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Σὺ μὲν λέγεις τὰ Θήϐης,
Ὁ δ' αὖ Φρυγῶν ἀϋτάς·
Ἐγὼ δ' ἐμὰς ἁλώσεις.
Οὐχ ἵππος ὤλεσέν με,[1]
Οὐ πεζὸς, οὐχὶ νῆες·
Στρατὸς δὲ καινὸς ἄλλος,
Ἀπ' ὀμμάτων με βάλλων.

16.

EPOPEIAS.

Tu celebras as guerras thebanas ;
Outro canta as batalhas troyanas ;

Eu só posso das minhas derrotas
a historia narrar.

Nem peões, nem cavallos, nem frotas,
me hão vencido; outro exercito o ha feito,
que dos olhos as frechas ao peito
desfere a matar.

ιζʹ.

ΕΙΣ ΚΟΡΗΝ.

Ἡ Ταντάλου ποτ' ἔστη
Λίθος Φρυγῶν ἐν ὄχθαις,
Καὶ παῖς ποτ' ὄρνις ἔπτη
Πανδίονος χελιδών.
Ἐγὼ δ' ἔσοπτρον εἴην,
Ὅπως ἀεὶ βλέπῃς με·
Ἐγὼ χιτὼν γενοίμην,
Ὅπως ἀεὶ φορῇς με.
Ὕδωρ θέλω γενέσθαι,
Ὅπως σε χρῶτα λούσω.
Μύρον, γύναι, γενοίμην,
Ὅπως ἐγώ σ' ἀλείψω.

Καὶ ταινίη δὲ μασθῶν,
Καὶ μάργαρον τραχήλῳ,
Καὶ σάνδαλον γενοίμην.
Μόνον ποσὶν πάτει με.

17.

METAMORPHOSES DE CUBIÇAR.

Fez-se Niobe em pedra, e Philomela em passaro.
Assim
folgaria eu tambem me transformasse Jupiter
a mim.
Quizera ser o espelho, em que o teu rosto placido
sorri;
a tunica feliz, que sempre se está proxima
de ti;
o banho de crystal, que esse teu corpo candido
contém;
o aroma de teu uso, e d'onde effluvios magicos
provém;
depois esse listão, que do teu seio turgido
faz dois;
depois . . . de teu pescoço o rosicler de perolas;
depois . . .
Depois! Ao ver-te assim, unica, e tão sem emulas,
qual és,

até quizera ser teu calçado, e pisassem-me
teus pés!

ιη'.

ΕΙΣ ΠΟΤΗΡΙΟΝ ΑΡΓΥΡΟΥΝ.

Τὸν ἄργυρον τορεύων,
Ἥφαιστέ, μοι ποίησον,
Πανοπλίαν μὲν οὐχί,
(Τί γὰρ μάχαισι κἀμοί;)
Ποτήριον δὲ κοῖλον,
Ὅσον δύνῃ, βαθύνας.
Ποίει δέ μοι κατ' αὐτοῦ
Μήτ' ἄστρα, μηθ' ἅμαξαν,
Μὴ στυγνὸν Ὠρίωνα·
(Τί Πλειάδων μέλει μοι,
Τί δ' ἀστέρος Βοώτεω;)
Ἀλλ' ἀμπέλους χλοώσας,
Καὶ βότρυας γελῶντας,
Καὶ Μαινάδας τρυγώσας.
Ποίει δὲ ληνὸν οἴνου,
Καὶ χρυσέους πατοῦντας

Ὁμοῦ καλῷ Λυαίῳ
Ἔρωτα καὶ Βάθυλλον.

18.

OS LAVRADOS DA TAÇA.

Nem Vulcano, á tua vista,
mestre artista,
póde a palma requerer.
Toma prata! uma obra quero,
cujo esmero
vença a quanto póde haver.

Não são armas, peitos, malhas
(de batalhas
não me importa e nada sei).
D'esta prata se me faça
uma taça
funda, amplissima e de lei.

Não lhe esculpas, no contorno,
por adorno,
céos nem gruppos sideraes;
pois que importa a Anacreonte
o Orionte,
o Boieiro, e outros que taes?

Antes cêrco de parreiras,
    e ligeiras
por sob ellas me porás
as Bacchantes vindimando,
    lindo bando,
folgazão, gentil, loquaz.

N'um lagar, co'o Deos de Naxos,
    pisem cachos,
em porfia de embriaguez,
meu Bathyllo, o meu querido,
    e Cupido. . . . .
E estes de ouro, todos tres.

ιθ'.

ΕΙΣ ΤΟ ΑΥΤΟ.

Καλλίτεχνα, τόρευσον
Ἔαρος κύπελλον ἤδη·
Τὰ πρῶθ' ἡμῖν τὰ τερπνὰ
Ῥόδα φέρουσαν ὥρην.
Τὸν ἄργυρον δ' ἁπλώσας,
Πότον ποίει μοι τερπνόν.

Μὴ τῶν παρ' οἴνῳ τελετῶν
Ξένον τί μοι τορεύσῃς,
Μὴ φευκτὸν ἱστόρημα·
Μᾶλλον ποίει Διὸς γόνον
Βάκχον εὔιον ἡμῖν,
Μύστιν τε τῶν πόθων Κύπριν
Ὑμεναίοις κροτοῦσαν,
Χάρασσ' Ἔρωτας ἀνόπλους,
Καὶ Χάριτας γελώσας.
Ὑπ' ἄμπελον εὐπέταλον,
Εὐβότρυον, κομῶσαν,
Σύναπτε κούρους εὐπρεπεῖς·
Ἅμα δὴ Φοῖβος ἀθύρῃ.

19.

OUTRA COPA.

O' portentoso artista! outro vaso de esmero
me has de agora lavrar.
Gravada n'elle quero
a estação, que dá vida,
a flórida estação, de rosas bem cingida.

Faze-me, d'esta prata, um vaso em que se possa,
por gôsto, demorar

co'a vista a mente nossa;
em roda não lhe ponhas
sacrificios de horror, ou fabulas medonhas.

Grava-lhe antes Evan, progenie do alto Jove;
dá-lhe por digno par
Cypria, que nos promove
ancias de terno gôzo,
ella e elle cantando a hymenêo jubiloso.

Adiante lhe põe, mas sem arco, os Amores
e as Graças a folgar,
á sombra dos verdores
de um parreiral que ria,
recurvado ao pendor da uva luzidia.

No mesmo abrigo emfim, quero que representes,
a scena a completar,
muitos moços contentes,
saltando ao som da lyra
de Phebo que em galhofa almas canções inspira.

κ′.

ΕΙΣ ΤΟ ΔΕΙΝ ΠΙΝΕΙΝ.

Ἡ γῆ μέλαινα πίνει,
Πίνει δὲ δένδρε᾽ αὐτήν·
Πίνει θάλασσα δ᾽ αὔρας,
Ὁ δ᾽ ἥλιος θάλασσαν,
Τὸν δ᾽ ἥλιον σελήνη.
Τί μοι μάχεσθ᾽, ἑταῖροι,
Καὐτῷ θέλοντι πίνειν;

20.

O UNIVERSAL BEBER.

A terra bebe a chuva. A planta suga a terra.
O mar engole o rio. O sol absorve o mar;
e a lua absorve em si o resplendor solar . . .
Pois, se eu bebo tambem, porque me fazem guerra!

κα'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Δότε μοι, δότ', ὦ γυναῖκες,
Βρομίου πιεῖν ἀμυστί·
Ὑπὸ καύματος γὰρ ἤδη
Προδοθεὶς ἀναστενάζω.
Δότε δ' ἀνθέων ἐκείνου·
Στεφάνους δ', οἵους πυκάζω,
Τὰ μέτωπά μου 'πικαίει.
Τὸ δὲ καῦμα τῶν Ἐρώτων,
Κραδίη, τίνι σκεπάζω;

21.

ARDOR INEXTINGUIVEL.

Oh! enchei, bellas damas, enchei!
Lançai mais! em bastando, eu direi.
Bebi muito, e inda a sêde me abrasa;
guapas damas, enchei pela rasa!
Da cabeça ao calor murcha está
esta c'rôa, trançai-me outra já!
Não podêrem, nem vinho nem flôres
acalmar-me este fogo de amores! . . .

κϐ'.

ΕΙΣ ΒΑΘΥΛΛΟΝ.

Παρὰ τὴν σκιὴν Βαθύλλου
Καθίσω· καλὸν τὸ δένδρον·
Ἁπαλὰς δ' ἔσεισε χαίτας
Μαλακωτάτῳ κλαδίσκῳ.
Παρὰ δ' αὐτὸν ἐρεθίζει
Πηγὴ ῥέουσα πειθοῦς.
Τίς ἂν οὖν ὁρῶν παρέλθοι
Καταγώγιον τοιοῦτο;

22.

A BATHYLLO.

Meu Bathyllo! o bem que estamos
n'esta sombra deleitosa!
Como esta arvore é viçosa!
Como alastra os floreos ramos,
que aura embala a suspirar!
Ouve a fonte, que murmura
não distante d'este abrigo!
Com tal céo, com tal verdura,
com tal paz, com tal amigo,
quanto é doce o repousar!

κγ'.

ΕΙΣ ΦΙΛΑΡΓΥΡΟΝ.

Ὁ πλοῦτος εἴ γε χρυσοῦ
Τὸ ζῆν παρεῖχε θνητοῖς,
Ἐκαρτέρουν φυλάσσων,
Ἵν', ἂν Θάνατος ἐπέλθῃ,
Λάβῃ τι, καὶ παρέλθῃ.
Εἰ δ' οὖν μὴ τὸ πρίασθαι
Τὸ ζῆν ἔνεστι θνητοῖς,
Τί καὶ μάτην στενάζω;
Τί καὶ γόους προπέμπω;
Θανεῖν γὰρ εἰ πέπρωται,
Τί χρυσὸς ὠφελεῖ με;
Ἐμοὶ γένοιτο πίνειν,
Πιόντι δ' οἶνον ἡδὺν
Ἐμοῖς φίλοις συνεῖναι,
Ἐν δ' ἁπαλαῖσι κοίταις
Τελεῖν τὰν Ἀφροδίταν.

23.

A VERDADEIRA RIQUEZA.

Se o ouro de Pluto
nos désse mais vida,

juntar montes de ouro
tomára por lida ;

E em vendo que a morte
me vinha apanhar,
dar-lhe-hia metade,
por me ella deixar.

Pórem se a existencia
não vem por tal preço,
que val o ter ouro?
Já não n'o appeteço.

Porque hei de eu ralar-me
com prantos, com ais?
Por mais que façamos,
nascemos mortaes.

A mil opulencias,
enlêvo de avaros,
prefiro os bons vinhos,
amigos bem caros,

e aquellas doçuras
que ás vezes tambem
nos braços mimosos
me offerta o meu bem.

κδ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Ἐπειδὴ βροτὸς ἐτύχθην
Βιότου τρίβον ὁδεύειν,
Χρόνον ἔργων ὃν παρῆλθον,
Ὃν δ' ἔχω δραμεῖν οὐκ οἶδα.
Μέθετέ με, φροντίδες·
Μηδέν μοι καὶ ὑμῖν ἔστω.
Πρὶν ἐμὲ φθάσῃ τὸ τέλος,
Παίξω, γελάσω, χορεύσω
Μετὰ τοῦ καλοῦ Λυαίου.

24.

A ESTRADA DA VIDA.

NASCI mortal; agra ou macia, a estrada,
levál-a ao cabo é lei;
vejo a porção que andei;
a que me espera . . . em nevoa é sepultada.

Cuidados insanos,
enxame voraz,
deixai-me estes annos
volverem-se em paz.

Se ao tumulo opaco
por força me hei de ir,
comtigo, meu Baccho,
dansar quero e rir.

κε'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Ὅταν πίω τὸν οἶνον,
Εὕδουσιν αἱ μέριμναι,
Τί μοι γόων, τί μοι πόνων,
Τί μοι μέλει μεριμνῶν;
Θανεῖν με δεῖ, κἂν μὴ θέλω·
Τί τὸν βίον πλανῶμαι;
Πίωμεν οὖν τὸν οἶνον
Τὸν τοῦ καλοῦ Λυαίου.
Σὺν τῷ δὲ πίνειν ἡμᾶς
Εὕδουσιν αἱ μέριμναι.

25.

FORA CUIDADOS!

Quando bebo, dormem-me
os ruins cuidados.

Eu pensar solícito
em carpir meus fados?!
Qual é d'isso o prestimo?
Pois (ou queira ou não)
hei de, entre os cadaveres
ter o meu quinhão.
Quando a vida rapida
me abre dous caminhos,
trocarei o flórido
por calcar espinhos?
Reine Baccho! empinem-se
vasos redobrados!
Quando bebo, dormem-me
os ruins cuidados.

κϛ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Ὅταν ὁ Βάκχος εἰσέλθῃ,
Εὕδουσιν αἱ μέριμναι·
Δοκῶν δ' ἔχειν τὰ Κροίσου
Θέλω καλῶς ἀείδειν·
Κισσοστεφὴς δὲ κεῖμαι,
Πατῶ δ' ἅπαντα θυμῷ.

Ὅπλιζ', ἐγὼ δὲ πίνω.
Φέρ' ἐμοὶ κύπελλον, ὦ παῖ·
Μεθύοντα γάρ με κεῖσθαι
Πολὺ κρεῖσσον, ἢ θανόντα.

26.

ANTES EBRIO DO QUE MORTO.

Não ha dôr em tanto excesso,
que resista ao bom Lyeo :
em bebendo, igualo a Cresso ;
canto ufano ; o mundo é meu ;

corôa de heras me imponho ,
vou-me á cama, e jazo em paz ;
em negocios nunca sonho ;
sonho só no que me apraz.

Vós, se é esse o vosso gôsto,
para as guerras vos armai.
Eu cá, bebo ; e viva o mosto !
Rapazinho, enchei-me, andai !

Isto sim, que dá confôrto !
Estirar por estirar,
antes ebrio do que morto,
e deixar os mais fallar !

κζ'.

ΕΙΣ ΔΙΟΝΥΣΟΝ.

Τοῦ Διὸς ὁ παῖς, ὁ Βάκχος,
Ὁ λυσίφρων, ὁ λυαῖος,
Ὅταν εἰς φρένας τὰς ἐμὰς
Εἰσέλθῃ μεθυδότας,
Διδάσκει με χορεύειν.
Ἔχω δὲ καί τι τερπνὸν
Ὁ τᾶς μέθας ἐραστάς·
Μετὰ κρότων, μετ' ᾠδᾶς
Τέρπει με κ' Ἀφροδίτα,
Καὶ πάλιν θέλω χορεύειν.

27.

OS SEUS GOSTOS.

Inda bem não me é cá dentro
de Jove o filho, Lyeo,
já meu gaudio não concentro,
já em mim sinto outro eu,
já com elle entro a dansar.

Mas pensais que eu me limite
só nas glorias do beber!

Cantos, musica, Aphrodite,
são tambem o meu prazer;
sempre e sempre hei de bailar.

κη'.

ΕΙΣ ΚΟΡΗΝ.

Ἄγε, ζωγράφων ἄριστε,
Γράφε, ζωφράφων ἄριστε,
Ῥοδίης κοίρανε τέχνης,
Ἀπεοῦσαν, ὡς ἂν εἴπω,
Γράφε τὴν ἐμὴν ἑταίρην.
Γράφε μοι τρίχας τὸ πρῶτον
Ἁπαλάς τε καὶ μελαίνας·
Ὁ δὲ κηρὸς ἂν δύνηται,
Γράφε καὶ μύρου πνεούσας.
Γράφε δ' ἐξ ὅλης παρειῆς
Ὑπὸ πορφύραισι χαίταις
Ἐλεφάντινον μέτωπον.
Τὸ μεσόφρυον δὲ μή μοι
Διάκοπτε, μήτε μίσγε·
Ἐχέτω δ', ὅπως ἐκείνη,
Τὸ λεληθότως σύνοφρυν,

Βλεφάρων δ' ἴτυν κελαίνην.
Τὸ δὲ βλέμμα νῦν ἀληθῶς
Ἀπὸ τοῦ πυρὸς ποίησον,
Ἅμα γλαυκὸν, ὡς Ἀθήνης,
Ἅμα δ' ὑγρὸν, ὡς Κυθήρης.
Γράφε ῥῖνα καὶ παρειὰς,
Ῥόδα τῷ γάλακτι μίξας.
Γράφε χεῖλος, οἷα Πειθοῦς,
Προκαλούμενον φίλημα.
Τρυφεροῦ δ' ἔσω γενείου,
Περὶ λυγδίνῳ τραχήλῳ,
Χάριτες πέτοιντο πᾶσαι.
Στόλισον τὸ λοιπὸν αὐτὴν
Ὑποπορφύροισι πέπλοις·
Διαφαινέτω δὲ σαρκῶν
Ὀλίγον, τὸ σῶμ' ἐλέγχον.
Ἀπέχει· βλέπω γὰρ αὐτήν·
Τάχα, κηρὲ, καὶ λαλήσεις.

28.

RETRATO DA SUA NAMORADA.

VÁ lá, meu pintor de fama,
primoroso meu pintor!

Rei (que assim chamar-te pódes)
d'ess'arte, que lá em Rhodes
tem ganho tanto esplendor.

Vá! Retrata a minha dama!
Pouco importa longe estar;
como ella é, posso eu dizêl-o.
Negro, macio cabello
põe-lhe em primeiro lugar.

Olha! se a cêra o consente,
faze-o tambem rescender;
quaes duas brilhantes ondas,
por sobre as faces redondas
da eburnea fronte a pender.

Separar inteiramente
não convem, nem confundir
os arquinhos dos sobr'olhos;
negro cilio, erguidos olhos,
alma timida a exprimir;

Olhos! como os de Minerva
no azulado seu volver;
como os da mãie dos Cupidos,
levemente humedecidos
de ternura e de prazer.

A' face, ao nariz conserva
o encarnado e fresco alvor;
não ha tinta assim mimosa;
mistura o lyrio co'a rosa,
e tens-lhe acertado a côr.

Pinta os labios, e escondida
entre elles a persuasão;
da boquinha o geito imite
fazer aos beijos convite
co'o suave da expressão.

A' barba que a amor incita,
ao collo, que em candidez
vence alabastros e neve,
um enxame vago e leve
de graças convem que dês.

Uma veste purpurina
lhe lança agora a final;
mas dispõe-lh'a por tal arte
que deixe sonhar-se em parte
o seu corpo divinal.

Concluiste .... Obra divina!
Concluiste .... É ella! é ella!
(Quero-te, amigo, abraçar)

« Minha amada!.... oh! como és bella!
« Falla-me! deves fallar! »

κθ′.

ΕΙΣ ΝΕΩΤΕΡΟΝ ΒΑΘΥΛΛΟΝ.

Γράφε μοι Βάθυλλον οὕτω,
Τὸν ἑταῖρον, ὡς διδάσκω.
Λιπαρὰς κόμας ποίησον,
Τὰ μὲν ἔνδοθεν, μελαίνας,
Τὰ δ' ἐς ἄκρον, ἡλιώσας·
Ἕλικας δ' ἐλευθέρους μοι
Πλοκάμων, ἄτακτα συνθεὶς,
Ἄφες, ὡς θέλωσι, κεῖσθαι.
Ἁπαλὸν δὲ καὶ δροσῶδες
Στεφέτω μέτωπον ὀφρὺς
Κυανωτέρη δρακόντων.
Μέλαν ὄμμα γοργὸν ἔστω,
Κεκερασμένον γαλήνῃ,
Τὸ μὲν ἐξ Ἄρηος ἕλκον,
Τὸ δὲ τῆς καλῆς Κυθήρης,
Ἵνα τις τὸ μὲν φοβῆται,

Τὸ δ' ἀπ' ἐλπίδος κρεμᾶται.
Ῥοδίνην δ', ὁποῖα μῆλον,
Χνοΐην ποίει παρειήν·
Ἐρύθημα δ' ὡς ἂν Αἰδοῦς
Δύνασαι βαλεῖν, ποίησον.
Τὸ δὲ χεῖλος οὐκ ἔτ' οἶδα
Τίνι μοι τρόπῳ ποιήσεις
Ἁπαλὸν, γέμον τε Πειθοῦς.
Τὸ δὲ πᾶν, ὁ κηρὸς αὐτὸς
Ἐχέτω λαλῶν σιωπῇ.
Μετὰ δὲ πρόσωπον ἔστω
Τὸν Ἀδώνιδος παρελθὼν
Ἐλεφάντινος τράχηλος.
Μεταμάζιον δὲ ποίει
Διδύμας τε χεῖρας Ἑρμοῦ,
Πολυδεύκεος δὲ μηρούς,
Διονυσίην δὲ νηδύν.
Ἁπαλῶν δ' ὕπερθε μηρῶν,
Μηρῶν τὸ πῦρ ἐχόντων,
Ἀφελῆ ποίησον αἰδῶ,
Παφίην θέλουσαν ἤδη.
Φθονερὴν ἔχεις δὲ τέχνην,
Ὅτι μὴ τὰ νῶτα δεῖξαι
Δύνασαι· τὰ δ' ἦν ἀμείνω.

Τί με δεῖ πόδας διδάσκειν;
Λάβε μισθὸν, ὅσσον εἴπῃς.
Τὸν Ἀπόλλωνα δὲ τοῦτον
Καθελὼν, ποίει Βάθυλλον·
Ἣν δ' ἐς Σάμον ποτ' ἔλθῃς,
Γράφε Φοῖβον ἐκ Βαθύλλου.

29.

RETRATO DE BATHYLLO.

Pinta-me agora Bathyllo,
Bathyllo, o meo predilecto,
como t'o vou figurar;
cabello á nascença preto,
nas pontas ja de outro estylo,
que lembre o esplendor solar.
No alto as madeixas
em nó comprimidas,
depois esparzidas
em livre ondear

A' joven fronte macia,
pura como o orvalho puro,
dêm c'rôa de perfeição,
sobr'olhos de azul escuro,
do escuro azul que se havia
tomar, pintando um dragão.

Os olhos bem negros
inculquem firmeza;
serena lhaneza
lhe adoce a expressão.

Vê se em seu olhar, exprimes
duas cousas que em mistura
sabe elle só reunir:
de Venus meiga brandura,
de Marte assomos sublimes.....
A repulsar e a attrahir,
por modo que, ao vêl-o,
esp'rança e receio
no fundo do seio
se deva sentir.

Por suas faces rosadas
derrama, igual á de um pomo,
alva penugem subtil;
mas summo tento, em ver como
nos dás a côr bem córada
do seu pudor juvenil!
Seus labios tão finos,
e tão convincentes,
duvido os presentes,
pintor meu gentil!

Em summa, se te é possivel,
faze que seja fallante

a cêra d'este painel :
fronte bem larga e elegante,
pescoço eburneo e flexivel
de Adonis cópia fiel.
No peito e mãos lindas
sem medo figure-o
um joven Mercurio
teu sabio pincel.

Nas côxas Pollux valente ;
e no ventre arredondado
um donoso Bassarêo.
Sobre as côxas, encantado,
thesouro de um fogo ardente
mostre, mostre, amigo meu. . . .
vir já despontando
a férvida idade,
que a paphia deidade
ao gôzo elegeu.

Mas a tua arte é ciosa ;
as costas do meu Bathyllo
não m'as pintará talvez ;
e é pena, que em tudo aquillo
de que n'elle a vista goza
nada igual ás costas vês.
Dos pés graciosos
que posso eu contar-te ?

Esmera tua arte,
fazendo-lhe os pés.

Que hei de eu dar por tal pintura ?
Todo o ouro do Pactolo
tanta valia não tem.
D'aquella estatua de Apollo,
portento de formosura,
faze, Bathyllo, o meu bem :
e Apollo, se em Samos
quizeres fingil-o,
do proprio Bathyllo
copía-o tambem.

λ'.

ΕΙΣ ΕΡΩΤΑ.

Αἱ Μοῦσαι τὸν Ἔρωτα,
Δήσασαι στεφάνοισι,
Τῷ Κάλλει παρέδωκαν.
Καὶ νῦν ἡ Κυθέρεια
Ζητεῖ, λύτρα φέρουσα,
Λύσασθαι τὸν Ἔρωτα.
Κἂν λύσῃ δέ τις αὐτὸν

Οὐκ ἔξεισι, μένει δέ·
Δουλεύειν δεδίδακται.

30.

AMOR PRÊSO.

Ao Deos dos amores
as musas um dia
com laços de flôres
lográrão prender.

Soberba era a prêsa,
velál-a cumpria.
Por guarda a belleza
lhe forão trazer.

Entre ancias immensas
procura-o Cyprina;
dá mil recompensas
a quem lh'o trouxer.

A Amor dá regalo
prisão tão divina;
escusão soltál-o;
ser livre não quer.

λα'.

ΕΙΣ ΕΥΡΩΠΗΝ.

Ὁ ταῦρος οὗτος, ὦ παῖ,
Δοκεῖ τις εἶναί μοι Ζεύς.
Φέρει γὰρ ἀμφὶ νώτοις
Σιδωνίην γυναῖκα·
Περᾷ δὲ πόντον εὐρὺν,
Τέμνει τε κῦμα χηλαῖς.
Οὐκ ἂν δὲ ταῦρος ἄλλος
Ἐξ ἀγέλης ἐλασθεὶς
Ἔπλευσε τὴν θάλασσαν,
Εἰ μὴ μόνος γ' ἐκεῖνος.

31.

MEDALHA DE EUROPA.

Guapo touro, ó moço, vemos.
E, sem duvida nenhuma,
o senhor dos céos supremos,
que transnada a salsa espuma.
Olha a tyria, moça linda!
Como a leva! é Jove amante.

Pelo mar não vi ainda
outro touro, e tão flammante!

λϐ'.

ΕΙΣ ΤΟΥΣ ΕΑΥΤΟΥ ΕΡΩΤΑΣ.

Εἰ φύλλα πάντα δένδρων
Ἐπίστασαι κατειπεῖν,
Εἰ κύματ' οἶδας εὑρεῖν
Τὰ τῆς ὅλης θαλάσσης,
Σὲ τῶν ἐμῶν Ἐρώτων
Μόνον ποῶ λογιστήν.
Πρῶτον μὲν ἐξ Ἀθηνῶν
Ἔρωτας εἴκοσιν θὲς,
Καὶ πεντεκαίδεκ' ἄλλους·
Ἔπειτα δ' ἐκ Κορίνθου
Θὲς ὁρμαθοὺς Ἐρώτων·
Ἀχαΐης γάρ ἐστιν,
Ὅπου καλαὶ γυναῖκες.
Τίθει δὲ Λεσϐίους μοι,
Καὶ μέχρι τῶν Ἰώνων,
Καὶ Καρίην Ῥόδον τε·

Δισχιλίους Ἔρωτας. —
Τί φής; — Ἀεὶ κηρῷ θές.
Οὔπω Σύρους ἔλεξα,
Οὔπω πόθους Κανώβου,
Οὐ τῆς ἅπαντ' ἐχούσης
Κρήτης, ὅπου πόλεσσιν
Ἔρως ἐποργιάζει.
Τί σοι θέλεις ἀριθμῶ
Καὶ τοὺς Γαδείρων ἐκτὸς,
Τοὺς Βακτρίων τε κ' Ἰνδῶν,
Ψυχῆς ἐμῆς Ἔρωτας;

32.

AMORES SEM LIMITES.

Vamos! Se pódes contar
quantos astros vão nos céos,
quantas ondas vão no mar,
numéra os amores meus!
Põe-me, em primeiro lugar,
em Athenas vinte amores,
lindos todos como as flôres;
junta mais quinze... (Não minto;
junta quinze e pouco pões).
Em Corintho... oh! em Corintho

computa-os por legiões!
(Corintho na Achaia fica;
nenhuma terra haverá
de moças bellas tão rica)
mas o rol não finda lá;
Lesbos, Caria, Jonia, Rhodes,
não me engano... afouto pódes...
dous mil amores marcar.
Que hesitas! assenta! assenta!
A pagina é corpulenta;
não te fallece lugar.
Inda te eu não disse nada
de Canopo, Syria, Creta
(Creta, a ilha decantada,
que entre os prazeres vegeta,
e por cujas cem cidades
de amor as festividades
têm contínua duração).
Tem paciencia! ajunta agora
turba de amores, que mora
calada em meu coração.
Em Bactria, na India ou Gades,
quem julga acabar-se o mundo?
Lá mesmo, e além, vê deidades
este amor em que me inundo,
e arde por todas... mas basta!
Para todos meus amores

uão ha pagina assaz vasta;
nem tambem calculadores.

λγ'.

ΕΙΣ ΚΟΡΗΝ.

Μή με φύγῃς, ὁρῶσα
Τὰν πολιὰν ἔθειραν·
Μηδ', ὅτι σοι πάρεστιν
Ἄνθος ἀκμαῖον ὥρας,
Τἀμὰ φίλτρα διώξῃς.
Ὅρα κἀν στεφάνοισιν
Ὅπως πρέπει τὰ λευκὰ
Ῥόδοις κρίνα πλακέντα.

33.

BRANCO E VERMELHO.

Fugis de minhas cans?
Fugis-me, por viçosas?
Volvei, volvei, louçans!
Nas c'rôas mais formosas
se enlação, como irmans,
á flôr do lyrio, as rosas.

λδ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ ΜΕΜΕΘΥΣΜΕΝΟΝ.

Ἄφες με, τοὺς θεοὺς σοὶ,
Πιεῖν, πιεῖν ἀμυστί.
Θέλω, θέλω μανῆναι.
Ἐμαίνετ' Ἀλκμαίων τε,
Χ' ὁ λευκόπους Ὀρέστης,
Τὰς μητέρας κτανόντες·
Ἐγὼ δὲ, μηδένα κτὰς,
Πιὼν δ' ἐρυθρὸν οἶνον,
Θέλω, θέλω μανῆναι.
Ἐμαίνεθ' Ἡρακλῆς πρὶν,
Δεινὴν κλονῶν φαρέτρην
Καὶ τόξον Ἰφίτειον·
Ἐμαίνετο πρὶν Αἴας
Μετ' ἀσπίδος κραδαίνων
Τὴν Ἕκτορος μάχαιραν·
Ἐγὼ δ', ἔχων κύπελλον,
Καὶ στέμμα τοῦτο χαίταις,
Οὐ τόξον, οὐ μάχαιραν,
Θέλω, θέλω μανῆναι.

34.

DELIRIO.

Pelos deoses todos, deixem-me virar
cangirões bem grandes! quero delirar.
Sim; quero delirar; delirar é bom.
Tartaros de Orestes, furias d'Alcmeon,
não virão turbar-me como aos matricidas.....
Eu não sou como elles; nunca tirei vidas.
Vou achar sómente (juro que adivinho)
sonhos côr de rosa n'este mar de vinho.
Hercules furioso d'Iphito co'as settas
não os tinha d'estes, como nós, poetas;
nem o Ajax do escudo, quando lá de Heitor
esgrimia a espada, cego de rancor.
Cangirão por armas, e por elmo lyrios,
deixem-me á vontade cá nos meus delirios.

λε'.

ΕΙΣ ΧΕΛΙΔΟΝΑ.

Σὺ μὲν, φίλη χελιδὸν,
Ἐτησίη μολοῦσα,
Θέρει πλέκεις καλιὴν,
Χειμῶνι δ' εἷς ἄφαντος

Ἠ Νεῖλον, ἢ 'πὶ Μέμφιν·
Ἔρως δ' ἀεὶ πλέκει μευ
Ἐν καρδίῃ καλιήν.
Πόθος δ' ὁ μὲν πτεροῦται,
Ὁ δ' ὠόν ἐστιν ἀκμὴν,
Ὁ δ' ἡμίλεπτος ἤδη.
Βοὴ δὲ γίνετ' αἰεὶ
Κεχηνότων νεοττῶν.
Ἐρωτιδεῖς δὲ μικροὺς
Οἱ μείζονες τρέφουσιν·
Οἱ δὲ τραφέντες εὐθὺς
Πάλιν κύουσιν ἄλλους.
Τί μῆχος οὖν γένηται;
Οὐ γὰρ σθένω τοσούτους
Ἔρωτας ἐκβοῆσαι.

35.

A ANDORINHA.

Gentil andorinha,
que vens annualmente,
na bella estação,
tecer-me vizinha
o ninho innocente
da tua affeição;

e a annuncios de inverno,
temendo sentil-o,
lá vais, a cantar,
refúgio mais terno
pedir ao teu Nilo,
de Memphis gozar!

Vem cá, passarinho!
Amor n'este peito
não faz nunca assim!
È ninho, e mais ninho;
um ido, outro feito;
renova-os sem fim :

Ver um Cupidinho
como abre as azitas
tentando avoejar!
Este, inda no ovinho,
est'outro, as casquitas
já quasi a largar!

De bicos abertos,
nenhum dos mofinos
se cala jámais!
Os já mais espertos,
aos mais pequeninos
mantém como pais;

Depois, os mais novos,
apenas creados,
produzem tambem;
de todos vem ovos;
dos ovos, dobrados
amores provém.

São taes seus clamores,
que ás vezes abalos
de raiva me dão;
mas tantos amores.....
Como hei de eu lançál-os
do meu coração?!

λϛʹ.

ΕΙΣ ΤΟ ΑΝΕΤΩΣ ΖῌΝ.

Τί με τοὺς νόμους διδάσκεις
Καὶ ῥητόρων ἀνάγκας;
Τί δέ μοι λόγων τοσούτων
Τῶν μηδὲν ὠφελούντων;
Μᾶλλον δίδασκε πίνειν
Ἁπαλὸν πόμα Λυαίου·
Μᾶλλον δίδασκε παίζειν

Μετὰ χρυσῆς Ἀφροδίτης.
Πολιαὶ στέφουσι κάραν.
Δὸς ὕδωρ, βάλ' οἶνον· ὦ παῖ,
Τὴν ψυχήν μου κάρωσον.
Βραχὺ μὴ ζῶντα καλύπτεις·
Ὁ θανὼν οὐκ ἐπιθυμεῖ.

36.

A VERDADEIRA ARTE.

Vãns artes de rhetoricos,
sophisticos enredos;
estes meus ocios quedos,
hei de os por vós deixar?
Pobre homem, com que fructo?
Eu que jámais disputo,
nem quero disputar!

Em vez de cousas frivolas,
quero artes de proveito:
a de arraiar meu peito
co'o bacchico licor;
a de travar choréa
co'a amavel Cytheréa,
co'a amavel mãi de Amor.

Olha estas cans! apressa-te!
Mistura-me agua e vinho!
Breve me ireis sózinho
no tumulo esconder.
Venha um delirio ainda;
mal que a existencia é finda,
findou todo o beber.

λζ'.

ΕΙΣ ΤΟ ΕΑΡ.

Ἴδε πῶς, ἔαρος φανέντος,
Χάριτες ῥόδα βρύουσιν.
Ἴδε πῶς κῦμα θαλάσσης
Ἀπαλύνεται γαλήνῃ.
Ἴδε πῶς νῆσσα κολυμβᾷ.
Ἴδε πῶς γέρανος ὁδεύει.
Ἀφελῶς δ' ἔλαμψε Τιτάν·
Νεφελῶν σκιαὶ δονοῦνται,
Τὰ βροτῶν δ' ἔλαμψεν ἔργα.
Καρποῖσι γαῖα προκύπτει,
Καρπὸς ἐλαίας προκύπτει·
Βρομίου στέφεται νᾶμα·

Κατὰ φύλλον, κατὰ κλῶνα,
Καθελὼν ἤνθισε καρπός.

37.

PRIMAVERA.

Foi-se a quadra fria!
Os bons dias tornão!
Olha como adornão
graças os rosaes!

Olha o mar! que espelho!
Como nadão, mansos,
mergulhando, os gansos
pelos seus crystaes!

Como os grous viajão!
Que aureo sol tão limpo!
Claro o azul do Olympo
nuvens já não tem.

Em seus chãos lavrados
o cultor exulta!
A semente occulta
já viçando vem!

O olival rebenta
pompa verde e prata!
pampanos desata
bacchico vinhal!

D'entre as folhas novas
ri na flôr a fruta!
Vê! respira! escuta!
Festa universal!

λγ'.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Ἐγὼ γέρων μέν εἰμι,
Νέων πλέον δὲ πίνω.
Κἂν δεήσῃ με χορεύειν,
Σκῆπτρον ἔχω τὸν ἀσκόν·
Ὁ νάρθηξ δ' οὐδέν ἐστιν.
Ὁ μὲν θέλων μάχεσθαι
Παρέστω, καὶ μαχέσθω.
Ἐμοὶ κύπελλον, ὦ παῖ,
Μελιχρὸν οἶνον ἡδὺν

Ἐγκεράσας, φόρησον.
Ἐγὼ γέρων μέν εἰμι,
Σειληνὸν δ' ἐν μέσοισι
Μιμούμενος χορεύσω.

38.

UM VELHO DANSARINO.

Sou velho, sou velho! Quem falla de idade?
Os moços que apostem comigo a beber.
Quereis que dansemos? com toda a vontade,
e até vossas dansas me obrigo a reger.
Andai! não preciso de arrimo ou bordão;
vereis como salto co' um odre na mão.

Se ha hi quem deseje medir-se comigo,
que saia a terreiro, que prestes me tem.
Rapaz, dá-me as armas! um copo de amigo,
um copo do tinto, que sabe tão bem.
Ao velho Sileno não cedo em feição;
dansar tambem posso de copo na mão.

λθʹ.

ΕΙΣ ΣΥΜΠΟΣΙΟΝ.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Τότε μευ ἦτορ ἰανθὲν
Λιγαίνειν ἄρχεται Μούσας.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Ἀπορίπτονται μέριμναι
Πολυφρόντιδές τε βουλαὶ
Ἐς ἁλικτύπους ἀήτας.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Λυσιπήμων τότε Βάκχος
Πολυανθέσιν μ' ἐν αὔραις
Δονέει, μέθῃ γανώσας.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Στεφάνους ἄνθεσι πλέξας,
Ἐπιθεὶς δὲ τῷ καρήνῳ,
Βιότου μέλπω γαλήνην.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Μύρῳ εὐώδεϊ τέγξας

Δέμας, ἀγκάλαις δὲ κούρην
Κατέχων, Κύπριν ἀείδω.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Ὑπὸ κυρτοῖσι κυπέλλοις
Τὸν ἐμὸν νόον ἁπλώσας,
Θιάσῳ τέρπομαι κούρων.

Ὅτ' ἐγὼ πίω τὸν οἶνον,
Τοῦτό μοι μόνῳ τὸ κέρδος,
Τοῦτ' ἐγὼ λαϐὼν ἀποίσω.
Τὸ θανεῖν γὰρ μετὰ πάντων.

39.

O QUE VAL NA VIDA.

Quando vinho bebo, raia-se-me o peito;
converso co'as musas.

Quando bebo vinho, conselhos engeito,
e ás auras confusas cuidado e pezar
atiro, que os sumão, por longe, no mar.
Suave delirio me trava do siso.
Rescendem-me flôres;

corôo-me, danso, canções improviso
aos bons bebedores, que sabem viver
no brando regaço do facil prazer.
Depois de bebido, de essencias me inundo;
    e assim perfumado,

aperto em meus braços, comigo confundo
corpinho encantado de moça, que vem
ás festas de Venus comigo tambem.
Depois de esgotada, com toda a franqueza,
    a taça espaçosa,

alegro os amigos, conversa-se á mesa,
das horas se goza; que em torno de mim,
havendo bons vinhos, é tudo um festim.
Negócio, sem risco, só este concebo,
    só este que eu faço;

aqui tudo é lucro, pois lucro o que bebo;
no rapido espaço da vida mortal,
só isto se colhe, só isto é que val.

μ'.

ΕΙΣ ΕΡΩΤΑ.

Ἔρως ποτ' ἐν ῥόδοισι
Κοιμωμένην μέλιτταν
Οὐκ εἶδεν, ἀλλ' ἐτρώθη.
Τὸν δάκτυλον παταχθεὶς
Τᾶς χειρὸς, ὠλόλυξε·
Δραμὼν δὲ καὶ πετασθεὶς
Πρὸς τὴν καλὴν Κυθήρην,
« Ὄλωλα, μῆτερ, » εἶπεν,
« Ὄλωλα, κἀποθνήσκω.
« Ὄφις μ' ἔτυψε μικρὸς,
« Πτερωτὸς, ὃν καλοῦσιν
« Μέλιτταν οἱ γεωργοί. »
Ἁ δ' εἶπεν· « Εἰ τὸ κέντρον
« Πονεῖς τὸ τᾶς μελίττας,
« Πόσον δοκεῖς πονοῦσιν,
« Ἔρως, ὅσους σὺ βάλλεις; »

40.

O AMOR E A ABELHA.

Amor um dia
rosas colhia;

não attentava
que uma occultava
o leve insecto
que suga o mel.

Trépida zune
a abelha, e pune
co'o vivo espinho
o alvo dedinho
d'esse indiscreto,
com dôr cruel.

Amor, gritando,
parte chorando ,
vôa ao materno
regaço terno,
e alça, mesquinho,
querella tal :

— « O' mãi, soccorro !
« Vale-me ! eu morro !...
« Vê ! vê ! que dôres !
« N'aquellas flôres
« um dragãozinho
« me fez o mal ;

« fera mui brava,
« mas que voava

« co'umas azinhas
« como estas minhas ;
« abelha a chama
« o lavrador. »

— « Se uma abelhita
« tal dôr te excita, » —
diz Venus : — « pensa
« que dôr intensa
« dão a quem ama
« farpões de Amor. »

μα'.

ΕΙΣ ΣΥΜΠΟΣΙΟΝ.

Λιαρὸν πίωμεν οἶνον,
Ἀναμέλψομεν δὲ Βάκχον,
Τὸν ἐφευρετὰν χορείας,
Τὸν ὅλας ποθοῦντα μολπὰς,
Τὸν ὁμότροπον Ἔρωτι,
Τὸν ἐρώμενον Κυθήρης,
Δι' ὃν ἡ Μέθη λοχεύθη,
Δι' ὃν ἡ Χάρις ἐτέχθη,
Δι' ὃν ἀμπαύεται Λύπα,

Δι' ὃν εὐνάζετ' Ἀνία.
Τὸ μὲν οὖν πόμα κερασθὲν
Ἀπαλοὶ φέρουσι παῖδες·
Τὸ δ' ἄχος πέφευγε μιχθὲν
Ἀνεμοτρόφῳ θυέλλῃ.
Τὸ μὲν οὖν πόμα λάβωμεν,
Τὰς δὲ φροντίδας μεθῶμεν.
Τί γάρ ἐστί σοι τὸ κέρδος
Ὀδυνωμένῳ μερίμναις;
Πόθεν οἴδαμεν τὸ μέλλον;
Ὁ βίος βροτοῖς ἄδηλος.
Μεθύων θέλω χορεύειν,
Μεμυρισμένος δὲ παίζειν
. . . .
Μετὰ καὶ καλῶν γυναικῶν.
Μελέτω δὲ τοῖς θέλουσιν
Ὅσον ἐστὶν ἐν μερίμναις.
Ἱλαροὶ πίωμεν οἶνον,
Ἀναμέλψομεν δὲ Βάκχον.

41.

GLORIA A BACCHO.

Rosto alegre e beber, beber vinho e cantar
o bom do nosso Baccho, inventor do dansar,

o amigo das canções, n'um côro prazenteiro,
de Venus o mimoso, o socio ao Deos frecheiro!
Se a embriaguez vem d'elle, ufanos confessai
que ha, das graças no rol, uma de que elle é pai.
Onde elle entrou, desfez-se o pezar e a tristeza.
Quando uns mocinhos vejo, em flôr de gentileza,
virem trazer-me, cheia, a taça, em que me ri
mixto co'a pura lympha o nectar de rubi,
co'os ventos voar deixo os sombrios pezares;
se hão de dar temporal, dêm-n'o por esses ares.
Toca a afogar no vinho o enxame zunidor
dos cuidados ruins; quem póde int'rêsse pôr
em lhes servir de pasto? o bem ou mal remoto
é a todos occulto, e o fim da vida ignoto.
Quero beber, bailar, fragrancias rescender,
e com moças louçãs tripudiar de prazer.
Rale-se quem quizer; bebamos nós contentes;
cante-se gloria a Baccho, o bemfeitor das gentes!

μϐ'.

ΕΡΩΤΙΚΟΝ.

Ποθέω μὲν Διονύσου
Φιλοπαίγμονος χορείας·
Φιλέω δ', ὅταν ἐφήϐου
Μετὰ συμπότου λυρίζω.

Στεφανίσκους δ' ὑακίνθων
Κροτάφοισιν ἀμφιπλέξας,
Μετὰ παρθένων ἀθύρειν
Φιλέω μάλιστα πάντων.
Φθόνον οὐκ οἶδ' ἐμὸν ἦτορ,
Φθόνον οὐκ οἶδα δαϊκτόν.
Φιλολοιδόροιο γλώττης
Φεύγω βέλεμνα κοῦφα.
Στυγέω μάχας παροίνους
Πολυκώμους κατὰ δαῖτας.
Νεοθηλέσ' ἅμα κούραις
Ὑπὸ βαρβίτῳ χορεύων,
Βίον ἥσυχον φέρωμεν.

42.

A VIDA A MEIO PÊSO.

Pois Baccho ama os jogos, seus córos eu amo.
Ao pé de convivas, de buço a apontar,
da lyra suave meus versos derramo.

Inda acho mais doce na fronte enlaçar
mimosos jacinthos, e entre alvas donzellas,
bem puras, bem lindas, correr e brincar.

Invejas?... que invejas!... que tenho eu com ellas?
Que roão nos outros, se querem roer.
Más linguas detesto, jámais gostei d'ellas.

Das mesas grosseiras não posso soffrer
os ralhos e as rixas; não quero que a ira
dê mate ás delicias que gera o beber.

Dansando com moças ao rhythmo da lyra,
ranchinho em que as graças apontão em flôr,
ao pêso da vida metade se tira;
o resto é já leve; supporto-o sem dôr.

μγ'.

ΕΙΣ ΤΕΤΤΙΓΑ.

Μακαρίζομέν σε, τέττιξ,
Ὅτε δενδρέων ἐπ' ἄκρων
Ὀλίγην δρόσον πεπωκὼς,
Βασιλεὺς ὅπως, ἀείδεις.
Σὰ γάρ ἐστι καινὰ πάντα,
Ὁπόσα βλέπεις ἐν ἀγροῖς,
Χ' ὁπόσα φέρουσιν ὗλαι.
Σὺ δὲ φιλία γεωργῶν,

Ἀπὸ μηδενός τι βλάπτων·
Σὺ δὲ τίμιος βροτοῖσιν,
Θέρεος γλυκὺς προφήτης.
Φιλέουσι μέν σε Μοῦσαι,
Φιλέει δὲ Φοῖβος αὐτὸς,
Λιγυρὴν δ' ἔδωκεν οἴμην.
Τὸ δὲ γῆρας οὔ σε τείρει.
Σοφὲ, γηγενὴς, φίλυπνε,
Ἀπαθὴς, ἀναιμόσαρκε,
Σχεδὸν εἶ θεοῖς ὅμοιος.

43.

A CIGARRA.

Feliz cigarra, invejo-te!
Pousada lá nos pincaros
d'estas folhudas arvores,
que bem que te has de estar!

Gôtta de orvalho minima
te sobra de Castalia;
que do Parnaso aos canticos
desbanca o teu cantar.

Quanto nos dias placidos
os campos têm de flórido,

de ameno, de fructifero,
dominas ! tudo é teu !

A amiga és tu do agricola ;
para ninguem malefica;
por seu arauto musico
o estio te elegeu.

Estimão-te as Piérides.
Ama-te o nume delphico ;
D'elle te veio em dadiva
esse primor de voz.

Da terra ó filha ingenua !
A todos tão sympathica !
Exempta dos descommodos
que pesão sobre nós !

Toda fervor poetico !
Em hymnos sempre extaticos
soltando de continuo
delicias musicaes !

Leve, subtil corpusculo !
Quasi incorporeo espirito !...
Dás-me ares, minha aligera,
dos entes immortaes.

μδ'.

ΟΝΑΡ.

Ἐδόκουν ὄναρ τροχάζειν,
Πτέρυγας φέρων ἐπ' ὤμων·
Ὁ δ' Ἔρως, ἔχων μόλιβδον
Περὶ τοῖς καλοῖς ποδίσκοις,
Ἐδίωκε καὶ κίχανεν.
Τί θέλει δ' ὄναρ τόδ' εἶναι;
Δοκέω δ' ἔγωγε, πολλοῖς
Ἐν Ἔρωσι με πλακέντα,
Διολισθανεῖν μὲν ἄλλοις,
Ἑνὶ τῷδε συνδεθῆναι.

44.

SONHO-REALIDADE?

Sonhei que andava, alígero,
por campos a correr;
de chumbo amor calçado,
trás mim todo açodado
lidava em me colher...

Colheu-me. Que prognosticos
estes serão!... já sei :

rompi mil outras redes,
mas d'esta em que me vêdes
jámais me soltarei.

ιε'.

ΕΙΣ ΤΑ ΤΟΥ ΕΡΩΤΟΣ ΒΕΛΗ.

Ὁ ἀνὴρ ὁ τῆς Κυθήρης
Παρὰ Λημνίαις καμίνοις
Τὰ βέλη τὰ τῶν Ἐρώτων
Ἐπόει, λαβὼν σίδηρον.
Ἀκίδας δ' ἔβαπτε Κύπρις,
Μέλι τὸ γλυκὺ λαβοῦσα·
Ὁ δ' Ἔρως χολὴν ἔμισγεν.
Ὁ δ' Ἄρης, ποτ' ἐξ ἀϋτῆς
Στιβαρὸν δόρυ κραδαίνων,
Βέλος εὐτέλιζ' Ἔρωτος·
Ὁ δ' Ἔρως, « Τόδ' ἐστὶν » εἶπεν,
« Βαρύ· πειράσας νοήσεις. »
Ἔλαβεν βέλεμνον Ἄρης·
Ὑπεμειδίασε Κύπρις.
Ὁ δ' Ἄρης ἀναστενάξας,

« Βαρύ! » φησίν· « ἆρον αὐτό. »
Ὁ δ' Ἔρως, « Ἔχ' αὐτό », φησίν.

45.

CUPIDO E MARTE.

Um dia o marido da bella Cyprina
de aceiro forjava na Lemnia officina
a usada encommenda das settas do Amor.
Cyprina em mel puro tempera-lhe as pontas:
Cupido, após ella, deitando outras contas,
em fel as retinge, de acerbo amargor.

Eis entra Mavorte, que vem da matança;
e, ufano brincando co'o pêso da lança,
de arminhas tão leves escarneo lhe faz.
— « São leves! Nem todas (responde o frecheiro).
« Talvez que mal possa com esta um guerreiro.
« Ahi tens; exp'rimenta! Depois m'o dirás. »

Mavorte a recebe da mão do menino.
Cyprina surri-lhes (surriso divino!).
Mavorte suspira: — « Que pêso que tem!
« Não posso com ella. Retoma-a, Cupido! »
Cupido zombando lhe volve atrevido:
« — Conserva-a comtigo, que está muito bem. »

μς′.

ΕΙΣ ΕΡΩΤΑ.

Χαλεπὸν τὸ μὴ φιλῆσαι·
Χαλεπὸν δὲ καὶ φιλῆσαι·
Χαλεπώτερον δὲ πάντων
Ἀποτυγχάνειν φιλοῦντα.
Γένος οὐδὲν εἰς Ἔρωτα·
Σοφίη, τρόπος πατεῖται·
Μόνον ἄργυρον βλέπουσιν.
Ἀπόλοιτο πρῶτος αὐτὸς
Ὁ τὸν ἄργυρον φιλήσας.
Διὰ τοῦτον οὐκ ἀδελφὸς,
Διὰ τοῦτον οὐ τοκῆες.
Πόλεμοι, φόνοι, δι' αὐτόν.
Τὸν δὲ χεῖρον, ὀλλύμεσθα
Διὰ τοῦτον οἱ φιλοῦντες.

46.

O AMOR E O OURO.

O não-amar é custoso;
custoso é tambem o amar:

porém custo redobrado
é amar... e o objecto amado
não podêrmos alcançar.

Nos amores, hoje em dia,
nobrezas não têm valor;
virtude a ninguem conquista;
o que attrahe, que prende a vista
é só do ouro o esplendor.

Mal haja o que ha dado ao ouro
primeiro a sua affeição!
D'esse impio metal o brilho
inimisa o pai co'o filho,
separa o irmão do irmão.

Gera guerras e homicidios...
Mas de tudo o mais atroz
é que aos pobres amadores
d'elle nasção tantas dôres....
ai tristes, tristes de nós!

μζ'.

ΕΙΣ ΓΕΡΟΝΤΑ.

Φιλῶ γέροντα τερπνὸν,
Φιλῶ νέον χορευτήν.
Γέρων δ', ὅταν χορεύῃ,
Τρίχας γέρων μέν ἐστιν,
Τὰς δὲ φρένας νεάζει.

47.

QUE É VELHICE?

Um velho alegre me apraz,
e apraz-me um rapaz bailando.
Das cans a côr pouco faz;
velho, que baila cantando,
parece velho, e é rapaz.

μη'.

ΕΙΣ ΔΙΟΝΥΣΟΝ.

Ὁ τὸν ἐν πόνοις ἀτειρῆ
Νέον, ἐν πόθοις ἀταρβῆ,

Καλὸν ἐν πότοις χορευτὴν
Τελέων, θεὸς κατῆλθεν
Ἁπαλὸν βροτοῖσι φίλτρον,
Πόθον ἄστονον, κομίζων
Γόνον ἀμπέλου, τὸν οἶνον,
Πεπεδημένον ὀπώραις
Ἐπὶ κλημάτων φυλάττειν,
Ἵν', ὅταν τέμνωσι βότρυν ,
Ἄνοσοι μένωσι πάντες,
Ἄνοσοι δέμας θητὸν,
Ἄνοσοι γλυκύν τε θυμὸν,
Ἐς ἔτους φανέντος ἄλλου.

48.

O OUTONO.

O nume, que aos moços redobra vigor,
que os torna mais vivos nas guerras do amor,
mais prestes na dansa, mais ledos á mesa,
Thionêo, já lá desce co'a doce riqueza
d'aquelle seu philtro que aos pobres mortaes
dissipa os cuidados! o bem, que aguardais,
o nectar, ó socios, já lá se adivinha
nos carceres verdes da turgida vinha ;

por ora, está preso; mas cachos em flôr
já dão antegostos do mago licor.
Oh! quando crescidos, maduros, córados,
lustrosos, fragrantes, os virmos cortados
co'os verdes sarmentos para ir ao lagar...
de que alma saude não se ha de gozar!
Ai! quadra das quadras! outono festivo!
Não tardes! não tardes! em ti é que eu vivo.
Chegando as vindimas, parecem nascer
nos corpos as fôrças, na mente o prazer.

μθ'.

ΕΙΣ ΔΙΣΚΟΝ ΕΧΟΝΤΑ ΑΦΡΟΔΙΤΗΝ.

Ἆρα τίς τόρευσε πόντον,
Ἆρα τίς μανεῖσα τέχνα
Ἀνέχευε κῦμα δίσκῳ
Ἐπὶ νῶτα τῆς θαλάττης;
Ἆρα τίς ὕπερθε λευκὰν
Ἀπαλὰν χάραξε Κύπριν
Νόος ἐς θεοὺς ἀερθεὶς,
Μακάρων φύσιος ἀρχάν;

Ὁ δέ νιν ἔδειξε γυμνὰν,
Χ' ὅσα μὴ θέμις δ' ὁρᾶσθαι,
Μόνα κύμασιν καλύπτει.
Ἀλαλημένα δ' ἐπ' αὐτὰ,
Βρύον ὡς ὕπερθε λευκὸν
Ἀπαλοχρόους γαλήνας,
Δέμας ἐς πλόον φέρουσα,
Ῥόθιον πάροιθεν ἕλκει.
Ῥοδέων δ' ὕπερθε μαζῶν,
Ἀπαλῆς ἔνερθε δειρῆς,
Μέγα κῦμα πρῶτα τέμνει.
Μέσον αὔλακος δὲ Κύπρις,
Κρίνον ὡς ἴοις ἑλιχθὲν,
Διαφαίνεται γαλήνας.
Ὑπὲρ ἀργύρῳ δ' ὀχοῦνται
Ἐπὶ δελφίσιν χορευταῖς
Δολερὸν νόον μερόπων
Ἔρος, Ἵμερος, γελῶντες.
Χορὸς ἰχθύων τε κυρτὸς,
Ἐπὶ κυμάτων κυβιστῶν,
Παφίης τὰ σῶμα παίζει,
Ἵνα νήχεται γελῶσα.

49.

SOBRE UMA EFFIGIE DA VENUS MARINHA.

N'esta medalha esplendida,
¿ que engenho sobre-humano
encerraria a túmida
face do infindo Oceano ?

Que portentoso artífice,
cheio de luz divina,
o aviventou co'a Cypria
figura alabastrina,

com Venus, filha e júbilo
do liquido elemento —
Venus, de quem celícolas
houverão nascimento ?

Sómente o que é mysterio
lhe esconde a lympha sua :
fartão-se os olhos ávidos;
em tudo o mais é nua.

A onda a embala placida,
como embalar costuma
em calmaria tácita
floco de argentea espuma.

O corpo esbelto e candido
nas aguas estendido
fende, co'o seio túrgido,
o pego adormecido;

e as vagasinhas languidas,
que o seio ergueu ante ella,
voltão a depôr osculos
sobre cerviz tão bella.

Entre violetas lyrio
parece á flôr do mar,
buscando a vaga proxima,
que se ergue e a vem buscar.

Do mundo inteiro os despotas,
Amor, audaz Desejo,
sobre os delfins do sequito
na prata expressos vejo.

Peixes em copia innumera
brincão cercando o lindo
corpo da Deosa Paphia,
que os olha e se vai rindo.

ν'.

ΕΙΣ ΡΟΔΟΝ.

Στεφανηφόρου μετ' ἦρος
Πέλομαι ῥόδον τέρεινον
Συνέταιρον ὀξὺ μέλπειν.
Τόδε γὰρ θεῶν ἄημα,
Τόδε καὶ βροτῶν χάρημα,
Χάρισίν τ' ἄγαλμ' ἐν ὥραις
Πολυανθέων Ἐρώτων,
Ἀφροδίσιόν τ' ἄθυρμα.
Τόδε καὶ μέλημα μύθοις,
Χαρίεν φυτόν τε Μουσῶν.
Γλυκὺ καὶ ποιοῦντι πεῖραν
Ἐν ἀκανθίναις ἀταρποῖς·
Γλυκὺ δ' αὖ λαβόντι, θάλπειν
Μαλακαῖσι χερσὶ κούφαις
Προσάγοντ' Ἔρωτος ἄνθος.
Ἀσόφῳ τόδ' αὐτὸ τερπνὸν
Θαλίαις τε καὶ τραπέζαις,
Διονυσίαις θ' ἑορταῖς.
Τί δ' ἄνευ ῥόδου γένοιτ' ἄν;
Ῥοδοδάκτυλος μὲν Ἠώς,

Ῥοδοπήχεες δὲ Νύμφαι·
Ῥοδόχρους δὲ κἀφροδίτα
Παρὰ τῶν σοφῶν καλεῖται.
Τόδε καὶ νόσοισιν ἀρκεῖ,
Τόδε καὶ νεκροῖς ἀμύνει,
Τόδε καὶ χρόνον βιᾶται.
Χαρίεν ῥόδων δὲ γῆρας
Νεότητος ἔσχεν ὀδμήν.
Φέρε δή, φύσιν λέγωμεν.
Χαροπῆς ὅτ' ἐκ θαλάσσης
Δεδροσωμένην Κυθήρην
Ἐλόχευε πόντος ἀφρῷ,
Πολεμόκλονόν τ' Ἀθήνην
Κορυφῆς ἐδείκνυε Ζεύς,
Φοβερὴν θέαν Ὀλύμπῳ,
Τότε καὶ ῥόδων ἀγητῶν
Νέον ἔρνος ἤνθισε Χθών,
Πολυδαίδαλον λόχευμα·
Μακάρων θεῶν δ' ὅμιλος,
Ῥόδον ὡς γένοιτο, νέκταρ
Ἐπιτέγξας, ἀνέτειλεν
Ἀγέρωχον ἐξ ἀκάνθης
Φυτὸν ἄμβροτον Λυαίῳ.

50.

HYMNO A' ROSA.

PRIMAVERA graciosa,
volve a nós engrinaldada!
Vou cantar na lyra a rosa
delicada;
da mãi das flôres
a flôr amada.

D'entre os flóridos cardumes
rosa é hálito de numes;
aos mortaes rosa fascina;
predomina;
diadema ás graças,
brinco a Erycina.

Cara a todos nossos mythos,
é das musas festejada;
d'entre espinhos infinitos
quanto agrada
irmos furtál-a,
tenra e córada!

Quem n'a traz diz que é ventura
na amorosa mão retêl-a,
e entre os dedos com brandura
revolvêl-a.

Meiga alvorada
não n'o é como ella.

Praz a rosa ao que tem siso;
faz a gloria de uma festa!
n'um banquete adorna o riso;
a amor presta;
bacchicas pompas
que são sem esta?

Róseos tem a Aurora os dedos;
braços róseos a Napéa;
nos poeticos segredos,
sempre a Déa
faces de rosa,
foi Cytheréa.

Mal nenhum resiste á rosa;
rosa as campas guarda, enfeita;
rosa é velha e inda se goza;
não se engeita;
inda é, no aroma,
joven perfeita.

Vou contar seu nascimento:
Já do mar, que azul se ria,
tinha o salso espumeo argento
pòsto ao dia

Venus, que espumas
alva escorria;

Já da fronte omnipotente
Pallas férvida sahíra :
divindade armipotente,
sempre em ira,
que estragos, mortes,
fogo respira;

quando a terra, em competencia
de prodigios tão fallados,
fez brotar, por excellencia,
de seus prados,
a rosa cheia
de mil agrados.

Porque a rosa fosse rosa,
quanto rosa ser podia,
cada nume á já formosa,
á porfia,
dentro em seu nectar
banhava e ria.

Eis a origem dos primores
com que a rosa na campina,
em seu throno de rigores
é divina;

e assim lhe querem
Baccho e Cyprina.

να′.

ΕΙΣ ΟΙΝΟΝ.

Τὸν μελανόχρωτα βότρυν
Ταλάροις φέροντες ἄνδρες,
Μετὰ παρθένων, ἐπ' ὤμων·
Κατὰ ληνὸν δὲ βαλόντες,
Μόνον ἄρσενες πατοῦσιν
Σταφυλὴν, λύοντες οἶνον.
Μέγα τὸν θεὸν κροτοῦντες
Ἐπιληνίοισιν ὕμνοις,
Ἐρατὸν πίθοις ὁρῶντες
Νέον ἐς ζέοντα Βάκχον.
Ὃν ὅταν πίῃ γεραιὸς,
Τρομεροῖς ποσὶν χορεύει
Πολιὰς τρίχας τινάσσων.
Ὁ δὲ παρθένον λοχήσας
Ἐρατὸς νέος ἐλυσθεὶς,
Ἁπαλὸν δέμας χυθεῖσαν

Σκιερῶν ὕπερθε φύλλων,
Βεβαρημένην ἐς ὕπνον,
Ἐς ἔρωτ' ἄωρα θέλγει
Προδότιν γάμων γενέσθαι.
Ὁ δὲ, μὴ λόγοισι πείθων,
Τότε μὴ θέλουσαν ἄγχει·
Μετὰ γὰρ νέων ὁ Βάκχος
Μεθύων ἄτακτα παίζει.

51.

VINDIMA.

Curvo o dorso com cestas de cachos,
correm lestes muchachas, muchachos,
co'os thesouros da vinha ao lagar.

Cantão moços de Baccho os louvores,
entre a espuma dos rubros licores
jubilosos a uva a calcar.

Cada ancião que d'alli sahe bebido
vai, já outro, das cans esquecido,
os pés frouxos na dansa agitar.

Entretanto um feliz namorado
busca a moça em quem pôz seu cuidado,
e que ás sombras se foi reclinar.

Despertou a... supplíca piedade.
Meigo implora o que a surda beldade
quer inteiro a hymenêo consagrar.

Quer, mas como? Por mais que resista,
surda aos ais a violencia a conquista.
Logra Amor a Hymenêo desherdar.

A que excessos não pódes, ó Baccho,
junto a Amor, qual velhaco a velhaco,
gente moça brincando arrastar!

νϐ′.

ΕΙΣ ΕΑΥΤΟΝ.

Ὅτ' ἐγώ σε νέοις ὁμιλοῦντ'
Ἐσορῶ, πάρεστιν ἥϐα.
Τότε δὴ, τότ' ἐς χορείην
Ὁ γέρων ἐγὼ πτεροῦμαι.
Περίμεινόν με, Κυϐήϐα.
Παράδος, θέλω στέφεσθαι·
Πολιὸν δὲ γῆρας ἑκάς·
Νέος ἐν νέοις χορεύσω.

Διονυσίης δέ μοί τις
Φερέτω ῥόον ἀπ' ὀπώρης,
Ἵν' ἴδῃ γέροντος ἀλκὴν,
Δεδαηκότος μὲν εἰπεῖν,
Δεδαηκότος δὲ πίνειν,
Χαριέντος δὲ μανῆναι.

52.

AI, KYBEBA!

Em te eu vendo, assim louquinha
entre a alegre mocidade,
já me esquece a ídade minha,
já não tenho a minha idade.
Já sou outro do que fôra...
Ai, Kybeba, ai tentadora!

Já tenho azas para as dansas;
dansar quero; aguarda um pouco!
D'essas rosas que ora entranças
me engrinalda, que estou louco
Ai, Kybeba, ai tentadora!
Dos meus annos és senhora.

Fóra as cans, fóra a velhice!
Co'os mancebos sou mancebo.

Lá verás se o que te eu disse
lhes não cumpro, e danso, e bebo.
Ai, Kybeba, ai tentadora,
venha a taça inspiradora!

Mostrar quero aos mancebinhos
quem é valido, eloquente;
quem tem estro para os vinhos;
quem delira amavelmente.
Eis o velho, ó seductora,
de que Amor te fez senhora!

νγ'.

ΕΙΣ ΤΟΥΣ ΕΡΩΝΤΑΣ.

Ἐν ἰσχίοις μὲν ἵπποι
Πυρὸς χάραγμ' ἔχουσιν,
Καὶ Παρθίους τις ἄνδρας
Ἐγνώρισεν τιάραις.
Ἐγὼ δὲ τοὺς ἐρῶντας
Ἰδὼν ἐπίσταμ' εὐθύς·
Ἔχουσι γάρ τι λεπτὸν
Ψυχῆς ἔσω χάραγμα.

53.

PINTA DOS NAMORADOS.

Pela marca de fogo impressa n'um cavallo
é facil estremal-o;
como é facil dizer de um homem com tiara,
que a Parthia o procreára.

Pois eu, quem tem amor de subito o adivinho
por certo signalzinho,
que me inculca por fóra o que ha de interna ardencia.

Digão lá que não serve a larga experiencia!

FIM DA LYRICA DE ANACREONTE.

A

CONSTANTINO,

REI DOS FLORISTAS.

Sob as profundas arvores,
reino dos meus penates,
onde de Roma e de Attica
devoto hospedo os vates,
do meu rosal ao halito
sonhava Anacreonte.
Eis vejo o velho a rir-se-me,
rosas na calva fronte,
na mão dourada cythara,
todo a exhalar perfumes,
mixtos de myrtho e pampanos
de Baccho e Amor, seus numes.

Da mesa dos celicolas,
onde esgotára as taças,
volvia á terra flórida
na alva estação das graças,

pois Venus fulgentissima
da beira do horizonte
com languido murmurio
chamára Anacreonte.

Sobre a cortiça rustica
sentou-se-me fronteiro,
pés nas violetas morbidas,
de costas ao loureiro.

E em brando som, que aos zephyros
doçura ensinaria,
ou disse, ou no meu extasi
sonhei que assim dizia :

« Já que te inspira
a primavera,
que amei tambem,
renova a lyra ;
surge, e a Cythera
comigo vem !
Echo amorosa
sabe inda cantos

que eu lá brinquei;
vem! d'elles goza!
Em seus encantos
te endeosarei. »

E eu, cedendo ao seu convite,
fui trás elle, no meu sonho,
dos Amores e Aphrodite
ao paiz almo e risonho.

Echo, a nympha namorada,
logo alli reconheceu
na selvatica morada
ser entrado o cantor seu.

Vio-lhe cans, quaes lhe não víra
quando as mágoas lhe narrava·
mas, fiel a amor e á lyra,
vio que a mente lhe viçava;

vio que inda era um dos amantes
da canora primavera,
um cultor, qual fôra d'antes,
da poetica Cythera;

e então, meiga e complacente,
fez-me os canticos ouvir
que do amavel indolente
decorou para o porvir;

os quaes logo no meu peito
novos échos despertando,
no som luso, ao Pindo aceito,
vão co'as auras adejando :

Era a turba dos Cupidos,
erão dansas folgazãs,
Baccho em thalamos floridos,
culto e festa ás nove irmãs;

era a garrula andorinha,
era a pomba mensageira,
o rosal, a murta, a vinha;
tudo á sombra da oliveira;

era a estridula cigarra,
recatada e tão feliz,
e os cuidados já sem garra,
e inda as brancas juvenis;

e as beldades aos cardumes,
e a riqueza sem thesouros;
e um cegar d'inveja aos numes,
e um surrir até dos louros.

Era a infancia, era a innocencia,
n'um continuo renascer;
e uma eterna imprevidencia
n'um fadario de prazer.

Quem a taes seducções resistíra!
« Sol da Grecia, bradei, tu me inspira! »
Per si mesma enflorou-se-me a lyra,
e os cantares que ouvia entoei.

Mui feliz, se em meu languido metro
dei uns longes ao menos do plectro
de quem teve das Graças o sceptro,
de quem foi nas delicias um rei!

Odesinhas de amor, immortaes borboletas,
lindas filhas do nada, assim como as violetas,
que sois vós no vergel immenso da poesia?
sois como ellas aos pés da matta espessa e fria:
nuncias da primavera. Ao moço e á namorada,
que importa o duro tronco e a altissima ramada?
vão co'os olhos na relva á busca da violeta,
e correm cá e lá seguindo a borboleta.

Volitai, volitai, mariposas doudinhas!
(mas sois d'Anacreonte; olhai que não sois minhas).
Onde é que heis de ir pousar? No scio das tres bellas
irmãs de Amor? mas vós vindes dos seios d'ellas.
Nos vasos dos festins? é pouco. Sobre a aljava
do Amor? o fero Amor do vosso rir se aggrava.
Onde pois? n'uns jardins que o proprio Anacreonte
quereria habitar... tanto do estro a fonte

esplendida os fecunda, os enche de belleza,
e andão n'elle rivaes a arte e a natureza.

Eia ! aos jardins de Constantino,
cantos de eterna mocidade !
ao novo elysio, em que o destino,
por um condão raro e divino,
concede á flôr perpetuidade !

Não conheceis o feiticeiro,
que iguala e vence a mesma Flora ?
Este Vertumno verdadeiro ?
Anacreonte, a quem adora
maravilhado o mundo inteiro ?

Ouví-me pois ; e a grega musa,
que tantas fabulas dourára,
confesse attonita e confusa,
que a extrema terra, a terra lusa,
maior portento hoje depara.

Paris, esta filha da obscura Lutecia,
a Athenas do mundo, maior que a da Grecia ;
Paris-Babylonia, Paris a vaidosa,
monarcha das flôres o acclama, e se goza
de o ver em seu gremio furtar-lhe um trophéo !

Sim, foi aqui mesmo, que as mãos triumphantes
do genio brotado lá sob o meu céo

logrei entre as minhas colher palpitantes;
e ufano exclamei-lhe: « Meus versos de amores
a ti se consagrem, poeta das flôres,
a ti, summa gloria dos montes nataes.
Meu nome ao teu nome d'est'arte enlaçado,
zombando do tempo, da inveja, e do fado,
irá d'entre os astros fulgir aos mortaes. »

Portugal! Portugal! que de grandezas,
não procria o teu ambito apertado!
Que musa excede ás musas portuguezas?
qual deu pelo orbe mais fastoso brado?
Aos teus heróes das maximas emprezas,
tinha-os de palmas teu Camões coroado;
ás Bellas tuas, e ás do mundo, agora
cinge teu Constantino os dons de Flora.

No Mantuano cantor e no Meonio
teve porém Camões predecessores;
e nunca a inspiração do côro aonio
deixou jámais de eternisar cantores.
Antes de Constantino, só Favonio,
Cybele, e Phebo, produzião flôres;
Constantino as produz não menos bellas,
e de igual viço, e de mais vida que ellas.

O destino
deu ás rosas

ser formosas,
nada mais;
Constantino
sublimou-as
a corôas
immortaes.

Quem te deu tal condão, sciencia, industria, ou magica,
artista creador, sem medo a imitadores?
Roubaste vivaz fogo á azul morada olympica,
ó Prometheo das flôres?
Não : foi, certo, amiga fada,
quem, movendo aurea varinha,
em purpurea madrugada
ao teu berço debruçada,
te abraçou, te foi madrinha.
Dulci-olente o seu bafejo
entre os sonhos da innocencia
se enfiltrou em ti n'um bejo;
fez-te da alma etherea essencia,
deu-lhe os sylphos por cortejo!
« Cresce, infante, »
disse então a voz amante,
« Cresce, infante, e reinarás....
Vida sempre reflorida,
seja a vida
que te eu fado em gloria e paz. »

Cumprio-se : eis-te occupando um solio florescente
rodeado de amor na capital do mundo,
co'as mulheres por côrte, e moço eternamente,
n'uma aurora sem termo, e sem cansar fecundo!

Vai, progride, até que um dia
já te canse a gloria immensa
d'esta esplendida Paris;
pensa então na patria, e pensa
nos teus montes, na poesia
dos teus annos infantis!
Flôr das almas, a saudade,
dentro em ti reverdecida,
pedir-te-ha que a vás depôr
onde, em mansa obscuridade,
a matriz da tua vida
rebentára em chão de amor.
Sim, a terra do estrangeiro
doure embora os dias nossos,
tudo e tudo offerte em dom;
que onde o olhar se abrio primeiro
é só lá que ameno aos ossos
cobre o teixo, e o somno é bom.

Longe funereas arvores!
O dia é só de flôres.
Voai, meus leves canticos,
do sol nos resplendores.

Ide parar com jubilo
nas mãos do encantador,
nas mãos a que mil osculos
grato daria Amor.

Paris, gruta do parque Monceaux, 13 de novembro de 1866.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Paris. — Impr. de Ad. Laine et J. Havard, rue des Saints-Pères, 19.